

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
 JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e impressão
 RUA LUIZ SORIANO, 44
 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

O 50.º ANIVERSARIO DO FUEHRER

Imponentes manifestações em toda a Alemanha

Hitler recebeu cumprimentos das organizações civis e dos chefes militares

BERLIM, 20.—O Fuehrer recebeu logo de manhã as aclamações das Juventudes Nacionais-Socialistas, de todas as províncias do Reich e dos camaradas de além fronteiras, que fizeram uma emissão comum para felicitar o Fuehrer.

Baldur von Schirach afirmou o amor da geração nova pelo criador da Alemanha nova.

Na sua alocução prometeu ao Fuehrer a fidelidade e obediência dos jovens alemães.

Ao ser arvorado o estandarte do corpo S. S. «Adolfo Hitler» compareceram na Chancelaria numerosas personalidades, entre as quais as famílias dos ministros do Reich, dos «reichsleiter» e dos ajudantes e colaboradores do Fuehrer.

Às 9 horas o Fuehrer passou em revista, em frente da Chancelaria, a guarda de honra e o batalhão de polícia de protecção. O Fuehrer foi alvo de ovações frenéticas.

A primeira visita diplomática que recebeu foi o Nuncio Apostólico, decano do Corpo Diplomático. Seguiu-se o ministro von Neurath, protector do Reich para a Boémia e para a Morávia, que era acompanhado pelo presidente Hacha. As felicitações do povo eslovaco foram dadas pelo seu presidente do Conselho, Mgr. Tisso. Seguiram-se os membros do governo e os representantes do exercito, tendo à sua frente o marechal Goering.

A parada militar

Foram levantadas duas tribunas para receber os hospedes de honra que devem assistir à parada militar. Na tribuna do lado norte está o estrado do Fuehrer e os lugares para oficiais de alta categoria das três armas e adidos militares. Na outra tribuna tomarão lugar os membros do governo do Reich, membros do corpo diplomático, dirigentes do partido, delegações de antigos combatentes e formações do partido.

Em todo o percurso do desfile a multidão comprime-se abrindo alas.

O desfile das tropas começou às 11 horas. Numerosos aviões militares voavam sobre a cidade.

Antes de assistir à parada, o Fuehrer recebeu o gauleiter de Dantzig, Forster, que lhe entregou as felicitações de Dantzig e o diploma de cidadão honorário da cidade.

Um apelo do marechal Goering

BERLIM, 20.—O «Voelkischer Beobachter» insere um apelo do marechal Goering, que diz:

«E' com um sentimento de respeito profundo e de fidelidade inquebrantável que o povo alemão presta homenagem à grandeza deste homem, ao qual todos nós devemos o que hoje somos. Foi a sua vontade tenaz que salvou a Alemanha e que lhe deu a sua prosperidade. A Alemanha tornou-se respeitada no mundo, graças à protecção eficaz que é garantida pelas suas forças em terra, no mar e no ar.

Tudo isto é obra do homem a quem hoje prestamos a nossa homenagem e que é o maior alemão de todos os tempos. Pouco nos importam as vociferações do mundo e pouco nos importam as coisas tramadas contra nós. A única coisa que conta é a palavra do Fuehrer».—(D. N. B.).

Como decorreram as manifestações na cidade livre de Dantzig

DANTZIG, 20.—Dum enviado especial da «Havas».—A Cidade Livre participará hoje na festa do 50.º aniversário de Hitler. Apesar dos muitos boatos que correram, aqui e no estrangeiro, sobre as mudanças que se produziram neste dia em Dantzig, e não obstante as muitas manifestações que se realizarão hoje na Cidade Livre, a impressão geral é a de nada de extraordinário se passará durante o dia. Trinta e um membros dos antigos partidos da oposição (a maior parte sociais-democratas) foram presos ontem por suspeita de quererem organizar uma conspiração. Ninguém acredita na conspiração. Trata-se de uma medida preventiva tomada pela Polícia local para evitar demonstrações anti-hitlerianas.

Destacamentos de SS da Prússia

oriental chegaram ontem à Cidade Livre, a fim de reforçarem o serviço de ordem.

A Cidade Livre participará nas cerimónias que se realizam em toda a Alemanha com embandeiramentos, desfiles das organizações hitlerianas e concertos públicos. Todos os edifícios oficiais arvoraram esta manhã a bandeira da Cidade Livre ao lado da bandeira com a Cruz suástica. A bandeira alemã foi arvorada pelos navios, estaleiros navais e a grande maioria das casas, igrejas protestantes, fabricas, ruas e avenidas de Dantzig, bem como todas as localidades do territorio. Muitos habitantes apresentaram em suas casas retratos de Hitler. Em Dantzig este dia é de festa nacional e nenhum estabelecimento, nenhuma empresa, nenhuma fabrica—com excepção das lojas cujos proprietarios são polacos—abriu as portas. Desde a madrugada as Juventudes hitlerianas, SA e SS atravessam as ruas em direcção aos pontos de concentração, donde partirão em seguida aos desfiles. As bandas das organizações hitlerianas deram às 11 horas concertos nas praças publicas. Altos-falantes foram instalados na Grande Praça do mercado e em diferentes largos importantes da cidade, a fim de que a multidão possa ter co-

nhecimento das manifestações que se realizam no territorio do Reich.—(H.).

Nos países protegidos

PRAGA, 20.—Para comemorar o dia nacional checo e o dia do aniversário de Hitler, realizou-se um espectáculo a que assistiram os membros do governo e o «maire» de Praga.—(D. N. B.).

BRATISLAVA, 20.—Oficiais eslovacos e alemães organizaram uma manifestação por ocasião do aniversário de Hitler. A praça Masaryk passará a denominar-se praça Adolfo Hitler. A outra praça será dado o nome de Hermann Goering. Em Piestany as autoridades internaram 80 judeus para que a sua presença em lugares publicos não estragasse as festas.

Ao passo que o ministro do Interior permite que a cruz suástica figure entre os motivos decorativos, o consulado francês recebe pedidos de cidadãos eslovacos que desejam alistar-se no exercito francês. A reacção contra a tutela alemã aumenta. Karel Sidor, que foi afastado do poder, vê aumentar a sua popularidade. Causou espanto a reacção da Polónia perante a «sondagem» alemã.—(Havas).

OLHAR VESGO

Num livro de Jean Giraudoux, intitulado *Bella*, em que a imaginação caprichosa do romancista quis ser sátira e ironia, a figura de Poincaré, retratado sob o nome de Rebendart, é apresentada sob alguns aspectos pitorescos, picarescos e às vezes tão cómicos que o Chefe do Estado passa à categoria de fabricante fanfarrista de trocadilhos e aneddotas.

Porque deturpou o escritor a verdade historica, desenhando irreverentemente o perfil dum homem que servira e honrara a França?

Como funcionário do Quai-d'Orsay e amigo de Philippe Berthelot, ele molhou a sua pena em tintas acidas que não são as mais proprias para a cronica e para o romance duma época em que os rancores se arvoraram em perceptores.

Este exemplo prolifera abundantemente, mesmo ao alcance dos nossos olhos. O panfletario derrubou o historiador. O caluniador eclipsou o critico imparcial. O vendecedor de effluves ergueu o seu tablado, á porta do tempo. O impudente arrepelou as barbas ao ancião respeitável, mestre da sebedoria.

Todos querem romper a linha das inibições, atirando para trás das costas não só com o imperativo categorico, mas também com os escrúpulos elementares que acautelam as consciencias contra as abdições e os commercios lucrativos e miseráveis.

Cada qual se arruma no seu partido, no seu bando, na sua patuleia, na sua intolerancia ou na sua megalomania, premunindo-se imediatamente, com meia duzia de juizes sumarios, que lhe permittem o exercicio franco do que Paul Louis-Courrier apelidava de *funia de demobir pelo prazer de desrespeitar e envenenar*.

Quando nos é necessario interpretar quer o pensamento quer as intenções alheias, qual a nossa primeira obrigação?

Evitar o rumor da turba que geralmente se funda em boatos absurdos, senão venenosos, espalhados adrede para confundir, alarmando e inquietando.

Actualmente seja aquém seja além fronteiras, criou-se a arte de trair e mentir, atribuindo-lhe a missão de captar e seduzir as credulidades lorpas ou os entusiasmos gananciosos.

O mesmo facto é objecto de tantas versões quantos os interesses occultos que lhe exploram o valor e a significação.

O mesmo varão, a sabor das maledicencias e das invejas, vê a sua estigle alterada, desfigurada, contundida sob as mais diversas feições que todas a desviam da pura expressão do seu character e da sua alma.

Em tempos passados, longínquos já, nós assistimos pasmados ao seguinte espectáculo—a transformação de autenticos homens de bem em patifes confessos.

Vimo-los apontados a dedo, em plena rua:

—Repára naquele tipo que além vai! Sabes quem é? Fulano de Tal, um desavergonhado da pior especie.

Se, porventura, alguém não se dava por convencido e tratava de profundar a biografia do réprobo, esbarrava fatalmente nesta forte ballisa:

—Di-lo toda a gente!

Quantos não foram para o outro mundo com fama de ladrões! Patriotas honestos sofreram a lapidação de traidores. Juizes pagaram caro os delictos que puniram. Ninguém protestava nem se contrapunha á obra nefanda, anónima, mas sagazmente conduzida, a fim de cavar uma supultura, no sitio em que poderia erguer-se um pedestal.

A caricatura tinha maior importancia que o retrato. Quando do assassinio do duque de Guise, houve algem que, ao contemplá-lo inerte, perguntou:

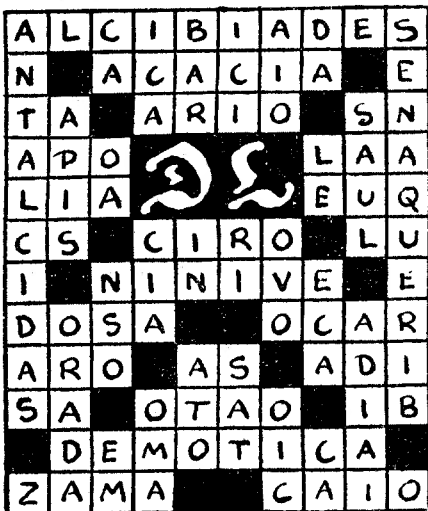
—Quem seria capaz de o matar pela segunda vez?

Os proprios carrascos principiavam a ter medo da sua vitima, pois acontee sempre isto—o odio raramente assume a responsabilidade total dos seus crimes.

PALAVRAS CRUZADAS

Solução

do problema n.º 1



DE LUTO

Eduardo Antonio de Azevedo e Silva

Constituiu uma sentida manifestação de pesar o funeral do sr. Eduardo Antonio de Azevedo e Silva, que hoje se realizou para o cemitério da Ajuda.

O cadáver do saudoso extinto, que fôra trasladado da sua residência para a igreja paroquial de Alcantara, foi durante a noite e a manhã de hoje velado por seus filhos Inacio, Raul, Rodrigo e Tomás de Azevedo e Silva e por muitas outras pessoas da família e de amizade.

Pelas 10 horas, o caixão—que se encontrava sobre uma ega, ladeada por quatro grandes candelabros e coberta com lindos ramos de flores naturais e corôas—foi retirada por pessoas de família para um auto-funeral, que o transportou ao cemitério.

O paroco da freguesia celebrou antes missa de corpo presente, perante numerosa assistência.

No preito, que teve larga concorrência, tomaram parte, além das direcções, centenas de empregados e operários das fabricas Nally e Dargent e das firmas Corporação Mercantil Portuguesa e Abecassis, Irmãos, e numerosas pessoas de varias categorias sociais.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 21.—S. Anselmo, arcebispo de Cantuária.

Lausperene, está na igreja Conventual do Bom Sucesso; ás 9, missa da Paz; ás 18, terço de bemditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos, e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

Uma festa no Maxim's

em que tomam parte artistas de todos os teatros de Lisboa

Com o mais louvável dos intuitos, pois trata-se de uma festa de beneficência, artistas, discípulos e «gr.» dos nossos teatros vão reunir-se esta noite no Maxim's.

Muitos numeros do nosso teatro musicado vão ser interpretados pelas suas criadoras, alguns deles com os graciosos grupos de «gr.» do Variedades e do Apolo, e, como se tanto não bastasse para que a festa promettesse ser animada, outras grandes atrações figuram no programa.

Augusto Soares e Janou dirigem o espectáculo, e «Costinha» faz a apresentação dos artistas. O traje é de passeio.



A CAMISA USADA PELOS ELEGANTES

RETIRO DA SEVERA

Hoje — NOITE DA MODA — Hoje Programa Especial do 1.ª Categoria

Exibição ás 3 horas e 1 hora da querida e popular artista HERMINIA SILVA com novos Fados — A's 21 e 30: Maria do Carmo Torres, Adelaide Ramos, Alfredo Marceneiro, Julio Prsença, Filipe Pinco, Armandinho, Jaime Santos e Santos Moreira. Consumo 2\$50 Entrada por pessoa 2\$50

CAFE MONDGO — Tel. 25676

Hoje, ás 20 e 30: Festa artística de Mario José Paninho na qual tomam parte as melhores cantadeiras e cantadores. Por especial deferencia dirige esta festa o poeta popular Norberto Ferreira.

Quinta-feira

por Norberto de Araújo

Aveiro — e o «folclore»

Tenho ha muito a convicção de que o folclore, tal aconteceu ao regionalismo, se tem exagerado a ponto de o perverter.

O regionalismo, chegando a estabelecer fronteiras de distrito para distrito e de concelho para concelho, cavou abismos entre povos limitrofes, perturbou a economia na ansia de a defender, tornou-se exclusivismo e egoismo, falseando o seu pensamento e chegando a ser odioso. Desde que saiu do seu campo abstracto e etnografico e entrou na especulação incidental—chegando a oferecer aspectos de alfanega—o regionalismo colocou-se á beira do abismo, pelo suicidio.

Salvou-o o entendimento de alguns homens e—sobretudo—salvou-o ser espirito puro em beleza natural e em graça de costumes.

O regionalismo pôde ficar assim, salvo algumas doentias excepções teimosas, uma particula sagrada do nacionalismo.

O folclore caiu no abuso especiedativo e decorativo. O vocabulo transcendeu do seu significado: puro, de expressão quasi científica; trivializou-se até ao pagode barbaço e daí á palhaçada foi um passo.

Nada mais contingente do que abusar das belas cousas. Daí á profanação vai um passo.

Quer sob o aspecto musical e melódico, quer sob o aspecto indumentario e etnografico, quer sob o aspecto artistico paisagista e contemplativo—o folclore esteve a um passo do ridiculo, que é o suicidio da beleza.

Ao que era simplesmente teatro, composição, arranjo, graça sem definição rigorosa, encanto de momento, espectáculo de divertir os olhos sem pretensões—chamou-se folclore.

Vinte machões vestidos em fantasia de guarda-roupa, outras tantas raparigas, envergando trajes, nem sempre os seus, com mau gosto, até, e ignorancia das elementares leis da harmonia dos tons e das linhas—constituam um grupo regional. Quatro estribilhos sem origem, copia de todos os ritmos, ou sugestões de musicas facéis de revista—passadas a outro andamento—, chamaram-se folclore.

Aqui e ali passava o folclore, o regionalismo e a etnografia puras; mas só aqui e ali, conspurcadas nos conjuntos publicos a darem pepineira. E se apparecia um homem de bom gosto a apôr um senão—era apedrejado.

Tudo ameaçava cair, pelo balanço tomado e sedução nos lucros das excursions—em pepineira.

Parece que homens de bom conselho tomaram mão nisto. Evitaram que a boa vontade, ignorante, posto que louvavel de intenção, de alguns influentes locais fosse demasiadamente longe em amor do folclore.

* * *

Aveiro vai realizar a sua grande parada de beleza, através das manifestações

AERONAUTICA

A viagem misteriosa de Lindbergh

A partida repentina de Lindbergh para os Estados Unidos, sem que previamente fosse annunciada, deixando em França sua esposa e filho, causou uma curiosidade geral. Pretendia-se conhecer os factos que o levaram a tomar aquela resolução.

Nos meios geralmente bem informados aventavam-se as mais diferentes hipóteses. Mas nada de positivo esclarecia a missão do celebre aviador.

Parece, porém, que o «misterio» se esclareceu. Lindbergh será recebido ainda esta semana pela comissão especial de Negocios Estrangeiros, a fim de fornecer, com detalhes, numeros preciosos das forças aereas de varios nações da Europa.

Se assim fór, ficará também esclarecida a sua longa peregrinação no velho continente, tomada, acertadamente, por alguns países, como auscultação.

Pergunta-se agora: o que resultará da conferencia de Lindbergh com a comissão americana?

«Mocidade Portuguesa»

No Liceu de Camões realza-se hoje, pelas 21 e 15, uma reunião de inspectores, instrutores e comandantes de grupo de ginastica da «Mocidade Portuguesa», a fim de tratarem da concentração prévia do proximo domingo.

de dezanove concelhos. Apresentará um grande cortejo folclorico.

A definição não irrita e vai mesmo ser aceita como um grande exemplo de equilibrio e sentido real do valor das expressões.

Porquê?

Porque se reuniram homens de entendimento, e á comissão preside um artista, um sabio de arte, uma sensibilidade afinada: o dr. Alberto Souto, director do Museu.

Teremos assim que as belezas da região, através dos litorais e dos campos, das fainas da ria e da labuta do cultivo; que os encantos polifonicos da natureza e do homem, do trabalho e da alegria dos corações, das cantigas e modas de cantar e da graça original dos trajes; que todos os valores etnograficos, paisagistas, decorativos, folclóricos—conjugados por mãos de mestres e por vontades bem orientadas—reporão o termo folclore no seu justo significado expressivo, embora admitamos que um ou outro deslize ou fantasia transpareça, mas no minimo que um maximo de pureza anulará ou absorverá.

Todas as belas regiões participam; a teatralização indispensavel não prejudicará a ingenuidade natural das cousas, antes a propicia, pois o teatro, mesmo este do ar livre e do cortejo, é um aspecto da arte nobilissima de criar beleza em peça pela harmonização de todas as belezas dispersas.

Nada mais belo do que a Beira-Mar, a Beira-Ria, e a Ribeira-Vouga; mas nada mais belo—lá, no seu proprio ambiente de sonho, nessa Aveiro, cidade má, onde as regiões se sentem como em terra sua, herdada de seus maiores.

Será mesmo uma proveitosa experiencia: os exageros que não puderam ainda ser evitados, serão eliminados de futuro.

Aveiro, no domingo proximo, será um deslambramento, uma grande exposição, um livro aberto de costumes—um amor de cousa portuguesa.

Cada concelho—e não quero especializar ou destacar nenhum porque seria falsear o pensamento original—terá a sua projecção, e cada aspecto da natureza maravilhosa se reproduzirá na cidade capital da região. As mulheres trazem tudo consigo.

Pois que estas manifestações—assim disciplinadas pela policia do bom gosto—são a exaltação das virtudes sobrias dos povos através da alegria garrula das almas, eu as tomei por fulcro desta nossa conversa de hoje, reduzida no seu ambito, enquanto as circunstancias assim o aconselhem.

Que os dezanove concelhos daquelas regiões dêem no domingo um grande exemplo de beleza—através do folclore e do regionalismo bem entendidos.

NORBERTO DE ARAUJO

As festas do 1.º de Maio

Espectaculos para operarios

A iniciativa da Camara Municipal de promover espectaculos gratuitos para operarios no dia 1.º de maio, continua a receber numerosas adesões, sendo já certo que todos os teatros de Lisboa abrirão nessa noite as suas portas gratuitamente aos operarios da capital, e que numerosos cinemas se associam, nos mais rasgados termos, ao mesmo proposito.

A empresa Antonio de Macedo pôs á disposição da Camara o Ginasio e o Variedades, bem como os numerosos artistas seus contratados, para a realização de notaveis espectaculos; o empresario José Loureiro franqueia as portas do Trindade; Aura Abranches representará para os operarios na linda sala do Teatro Nacional; os artistas do Apolo tomaram a espontanea decisão de representar de graça nessa noite. No Eden haverá uma interessante «matinée» para os filhos dos operarios, estando já assegurados os espectaculos nocturnos no Politeama, graças á generosidade de Luiz Pereira, filho—nos cinemas Belgica e Palácio,—cedidos sem qualquer encargo por D. Emilia O'Donnell—no Royal Cine, no Capitolio, etc.

Gremio de Trás-os-Montes

Uma comissão de socios do Gremio de Trás-os-Montes inicia no proximo sabado, 22 do corrente, uma serie de festas que devem prosseguir nos meses de maio e junho proximos e que prome em ser muito animadas.

Vida desportiva

Jogadores para o Benfica

O Norte Desportivo dá a noticia de que o Benfica procura reforçar o seu grupo com os seguintes jogadores:

Leonel e Moreira, do Barreirense, Alvaro Pereira, do Academico, Salvador, do Luso do Barreiro e Francisco Rodrigues, do Vitoria de Setubal.

Bom elenco!

Acontece, porém, que o Sporting e o Grupo Desportivo da Cuf.—segundo julgamos—não desistem do concurso de alguns nomes apontados na referida lista.

A par das lutas dentro dos terrenos de jogo, teremos, portanto, na proxima temporada, lutas não menos importantes fora dos campos...

A final, na Constituição

Temos chamado a atenção de quem de direito para as más condições do terreno da Constituição. A nossa intenção é contribuir para que o desfio do proximo domingo—verdadeira final—se transforme numa grande e brilhante jornada do «foot-ball» português.

Mais nada.

Ao que parece, segundo se diz no norte, com os melhoramentos introduzidos na Constituição, o campo poderá acolher uma assistência de 20.000 pessoas.

Óptimo!

Defende-se também na Imprensa portuense o seguinte: «O campo do F. C. do Porto é o da Constituição e, portanto, é lá que se deve realizar o jogo».

Claro e incontestavel!

O que se nos afigura evidentemente deploravel, é que o F. C. do Porto—com outras grandes colectividades—não possua um terreno de jogo compativel com o seu valer e a sua importancia...—T. S.

HIPISMO

Concurso Internacional de Nice

No concurso hipico que se está a realizar em Nice estão representados nove nações: Belgica, França, Inglaterra, Irlanda, Letonia, Polónia, Portugal, Romenia e Turquia.

No premio dos «Grandes Hotels» de Nice tomaram parte 78 concorrentes. O capitão Helder Martins, na égua «Saudade» (ex-Ecuyl) esteve á cabeça durante quasi toda a prova, mas foi batido quasi no fim pelo tenente francês de Bantillat, no «Cambonne».

Os cavaleiros portugueses conquistaram as seguintes classificações: 2.º, capitão Helder Martins, na «Saudade»; 22.º, alferes Furtado Leote, no «Adail» (ex-Sybarite II); 24.º, capitão Marquês de Funchal, no «Biscuit»; um laço, o capitão Bacceta Martins, na «Fossette».

Na prova «Princesa Loetitia» em que cada cavaleiro faz o percurso em dois cavalos, o marquês do Funchal no «Chaimite» (ex-Kirsch), fez o segundo melhor percurso. As classificações foram: 9.º, capitão Marquês de Funchal em «Merle Blanc» e «Chaimite»; 19.º, alferes Furtado Leote, em «Adail» e «Colibri».

No 4.º dia, no premio da «Cavalaria Belgica», o capitão marquês do Funchal classificou-se em 2.º, no «Chaimite», e o capitão Bacceta Martins, em 6.º, na «Fossette», e também em 5.º, no «Sado», no premio do «Exercito Polaco».

BASKET-BALL

Um festival no Ateneu, mas os marroquinos não vêm a Lisboa

Realiza-se no proximo sabado, no campo do Ateneu, um grande festival organizado pela Federação Portuguesa de Basket-ball.

O programa teve que sofrer alteração, em consequencia do Comité de Marrocos ter comunicado á Federação de Basket, por telegrama, a impossibilidade de enviar a Lisboa, nesta altura, o seu grupo representativo.

Como se torna necessario adaptar a selecção portuguesa ás novas regras internacionais, que devem entrar em vigor para os nossos clubes na proxima época, a Federação resolveu fazer jogar a selecção que devia defrontar os marroquinos, com o União Lisboa, campeão de Portugal.

O programa é o seguinte: Carcavelinhos—Algés, ás 21; Selecção—União Lisboa, ás 22 e Benfica—Sporting, ás 23 horas.

FOOT-BALL — BENFICA — PORTO

Excursão em auto-carro — LISBOA-PORTO Escudos 75\$00 — ida e volta

Partida ás 21 horas de sabado, dia 22. Volta segunda-feira, 24, pelas 9 horas.

Marcação de lugares

Capristano & Ferreira, Lda.—Largo de S. Domingos, 11-A—Telefone 2 1003.

Um desmentido energico do governo espanhol

BURGOS, 20.—Desmentem-se oficialmente, da maneira mais rotunda, as notícias postas a circular por uma conhecida agencia inglesa, num telegrama de Washington, com data de 15 do corrente, que o generalissimo Franco seja um prisioneiro do eixo Roma-Berlin e que as zonas estrategicas de Espanha e as suas colonias sejam utilizadas pelos alemães e italianos, sem consideração pelos desejos da Espanha.

Na ausencia do generalissimo Franco, que anda a visitar algumas cidades da zona do Sul, o vice-presidente do Estado e ministro dos Negocios Estrangeiros, conde de Jordana, declarou que a referida noticia era absurda e que não tinha o menor fundamento, acrescentando: «Quem manda em Espanha é o generalissimo Franco, que já mais consentiria na tutela de quem quer que fosse, que a propria dignidade do povo espanhol repudiaria com a maior energia e violencia. A Espanha é dos espanhóis e para os espanhóis e nela quem manda são os espanhóis».—(United Press).

Garcilaso de la Vega

apreciado pelo sr. consul do Peru

Na Faculdade de Letras de Lisboa, realizou esta tarde uma conferencia sobre Garcilaso de la Vega o sr. Alberto Ureta, consul geral do Peru. Presidiu o sr. dr. Agostinho de Campos, director da Faculdade, que apresentou o conferente com palavras de viva admiração.

Falou depois o sr. Alberto Ureta sobre Garcilaso de la Vega, a sua vida e a sua obra.

A assistencia escutou enlevada, durante uma hora, o sr. consul do Peru, admirador entusiastico e erudito da obra de Garcilaso de la Vega.

Novo governo peruano

LIMA, 20.—Está constituido o novo governo. O presidente e ministro da Fazenda é Manuel Ugarteche. — (Ilavas)

Predio destruido pelo fogo

PORTIMAO, 20.—(Pelo telefone).—Um violento incendio destruiu esta tarde o predio do sr. Adelino Rocha, na Praia da Rocha. Os bombeiros de Portimão tentaram ainda a salvaguarda de uma parte do edificio, mas os seus esforços foram inuteis.

HOTEL ALIANÇA

Rua Sampaio Bruno, 53 — Porto
Telef. 224 P.B.X.

Completamente remodelada as suas instalações com aguas correntes quente e fria em todos os aposentos.

A sua nova gerencia agradece a preferéncia, já pela sua localização, a 12 minutos da estação do Porto (S. Bento) e ainda pelo esmerado serviço de cozinha e copa.

CLUBE DOS RESTAURADORES

MAXIM'S

HOJE, às 22 horas

Festival de Beneficencia

Grande noite de arte

com a colaboração gentil e obsequiosa de artistas dos teatros da capital e das discipulas e «girls» do

VARIEDADES E DO APOLO

ATRAENTE PROGRAMA

em que participam ainda algumas artistas internacionais

BEATRIZ COSTA, IRENE IZIDRO, CARMENCITA AUBERT, MARIA HELENA, ZULMIRA MIRANDA, DINA TERESA, FERNANDA DE SOUSA, ANTONITA SERRANO, LILIAN VON WIDMANN, ROSITA DE LEVANTE, ALFREDO RUAS, SANTOS CARVALHO, ASSIS PACHECO, FRANCISCO COSTA

Ballet Lanthos e as gito Folies Lanthos

Numeros por artistas com os Grupos de Girls do Variedades e do Apolo

Colaboração do encenador Piero

Duas magnificas orquestras—Apresentação dos artistas por Costinha—Direcção da festa por Augusto Soares e Janou

BAILE ARTE ANIMAÇÃO

Aos Amadores Fotograficos

Películas VERITAS de superior qualidade.

Preços { 4 x 6,5 rôlo 5.30 = copia \$40
6 x 9 " 6.00 = " \$50
6 x 11 " 7.50 = " \$70

A' venda em todas as casas da especialidade

Representante para Portugal: FOTOGRAFIA ACHILLES

Avenida Almirante Reis, 1, 1.º Andar—Lisboa

SERVIÇOS DA ARMADA

O Hospital de Marinha

inaugurou hoje

algumas das suas novas instalações



Os almirantes visitando uma das novas salas de operações

O antigo casarão que foi o Hospício dos Jesuitas do Paraiso e onde, desde 1798, funciona o unico hospital que serve toda a nossa Armada vai modernizando, num ritmo apreciavel, as suas instalações e actualizando os seus serviços, alguns dos quais, como a cirurgia operatoria, radiologia e agora o laboratorio de analyses, hoje inaugurado, se encontram ao par daquilo que melhor possuímos no país, graças a dois factores essenciais: o carinho e as facilidades de natureza material que lhe dispensa o sr. ministro da Marinha e a perseverança e competencia dos seus medicos, á frente dos quais é preciso colocar por direito proprio e por espirito de justiça o seu director, sr. capitão de fragata dr. Julio Gonçalves, e o seu sub-director, sr. capitão-tenente Emilio Faro, aos quais aquele estabelecimento muito deve.

Os srs. almirantes Mata Oliveira e Botelho de Sousa, respectivamente, major general da Armada e chefe do Estado Maior Naval, inauguraram hoje, pelo meio dia, as novas e modernas instalações do hospital, onde eram aguardados pelo inspector de saude naval sr. capitão de mar e guerra dr. Teodomiro de Miranda, pelos srs. capitão de mar e guerra Vital da Cunha Freitas, comandante da Escola de Mecanicos; Peres Murineiro, comandante do aviso «Bartolomeu Dias»; Afonso de Carvalho, comandante do aviso «Afonso de Albuquerque», e Vicente Lopes, comandante do Corpo de Marinheiros; 1.º tenente Henrique Tenreiro, comandante da Brigada Naval da «Legião Portuguesa»; dr. Freitas Simões, chefe dos Serviços de Saude da Brigada Naval; numerosos medicos da Armada e da Brigada Naval, officiais de outros serviços, major Hipacio de Brion, director das Construções Civis do Ministerio da Marinha, que dirigiu as importantes obras no hospital, etc.

Recebidos pelos srs. drs. Julio Gonçalves e Emilio Faro, os almirantes começaram a sua visita vivamente interessados, cortando o sr. major general com uma tesoura de prata as fitas, com as cores nacionais, que vedavam o acesso ás instalações a inaugurar.

A' medida que se percorriam as modelares dependencias que o hospital de Marinha hoje apresenta—chefes de luz, de conforto e de asseio, bem apetrechadas por forma a incutir confiança ao doente—os visitantes não occultaram a excelente impressão que o novo hospital—porque é, na

verdade, um novo hospital que nasce—deixa agora a quantos o percorrem.

As novas salas, as enfermarias, os gabinetes para operações de alta cirurgia, o novo material e a excelente sala da nova biblioteca para reuniões da Junta de Saude Naval e conferencias scientificas, produziram em todos os visitantes a melhor das impressões.

Os almirantes observaram depois as obras em curso para uma nova enfermaria e para o pavilhão destinado a doenças infecciosas, após o que procederam á inauguração de um moderno laboratorio de analyses, instalado num amplo pavilhão especialmente construido para esse efeito e com salas especiais para pesquisas quimicas, bacteriologicas, parasitologicas e de natome-patologia.

No gabinete do director foi servido, no final, um «Porto de honra», durante o qual o sr. dr. Julio Gonçalves agradeceu aos almirantes e comandantes a sua presença, fazendo a proposito um rapido confronto entre as possibilidades de acção que tinham ontem e que têm hoje os medicos da Armada. Manifestou ao sr. ministro da Marinha o seu reconhecimento pelo dedicado apoio que tem dado aos serviços de saude naval, e, muito em especial, ao desenvolvimento daquele hospital e terminou saudando a Brigada Naval da «Legião», na pessoa do sr. comandante Tenreiro, e medicos da Brigada, na pessoa do seu chefe, sr. dr. Freitas Simões, e a Imprensa, na pessoa do nosso camarada Mauricio de Oliveira.

O sr. almirante Mata Oliveira proferiu depois breves palavras para saudar o director do hospital sr. dr. Julio Gonçalves, pela obra notavel que vem realizando e que honra os serviços da Armada, afirmando que transmitiria ao sr. ministro da Marinha, com a maior satisfação, não só tudo quanto vira naquela tão grata visita, mas também os agradecimentos que ao sr. comandante Ortins de Bettencourt, muito justamente foram dirigidos.

Os convidados saíram do hospital pelas 13 e 30.

Conferencias

O sr. dr. Francisco Medeiros Galvão, assistente do Instituto Nacional do Trabalho realiza hoje, às 21 e 30, na sede daquele organismo, uma conferencia sobre «O salario minimo na industria tipografica».

LARBOM, L. DA

MOVEIS—ESTOFOS—DECORAÇÕES

MELHOR E MAIS BARATO

R. AUGUSTA, 240, 1.º — TEL. 2 8811

Generos falsificados

Julgamento de comerciantes

O Tribunal da Inspeção de Generos Alimenticios continua na sua missão de defender a saude do publico. Foi hoje julgada a Moagem União, do Porto, por ter sido apreendida num estabelecimento de padaria que lhe pertence uma saca de farinha que a análise verificou que estava tratada com agentes quimicos branqueadores.

O juiz-presidente, sr. dr. Delgado de Carvalho, pediu ao engenheiro quimico sr. Sequeira Ramos, que esclarecesse as palavras «agentes quimicos branqueadores». A testemunha elucidou o tribunal de que a farinha tratada por este processo fica contaminada de paroxidos de azoto, e concluindo que era perigosa para a saude publica.

O advogado de defesa salientou o facto da farinha ser analisada cinco meses depois de fornecida e afirmou que os aparelhos electronicos para branquear as farinhas tinham sido autorizados por lei e só depois deste processo foram prohibidos por serem considerados nocivos pelos tecnicos.

O Tribunal, tomando em consideração, as razões expostas, absolveu a firma.

Foi depois julgado o sr. Antonio Lino Franca, por não fornecer nos almoços e jantares com preço fixo 3 decilitros de vinho, como determina a lei. Provou-se que a pensão não fornecia almoços, nem jantares a preços fixos, pelo que foi absolvido.

Foi condenado em 200\$00 o padreiro Manuel Miranda Ferreirinha, por ter vendido pão sem o pesar. Foi condenado em 100\$00 Leopoldina Araújo Castro por ter dentro duma dependencia do seu estabelecimento uma porção de pechêl em mau estado.

O comerciante sr. Silverio Moreira, de Paredes, foi condenado em 500\$00 de multa e 500\$00 de imposto de justiça, por ter recebido do seu fornecedor 700 litros de azeite, de mau fabrico, e o ter conservado durante algum tempo no seu estabelecimento, aguardando a resposta do fornecedor para lho devolver, como se dependeu do processo.

Explosão de polvora

Hoje, pelas 11 horas, num barracão sito no Casal do Evangelista, á rua Maria Evangelista, pertencente a José Maria Vaquinhas, inflamou-se uma pequena porção de polvora negra, produzindo queimaduras no rosto e nas mãos de Antonio do Souto Caminho, morador na rua Maria Pia, 144, e de Joaquim Valerio Vaz, rua Presidente Arraiga, 121.

Os feridos foram conduzidos ao hospital de S. José no automovel dum particular e acompanhados por um guarda da P. S. P.

No local compareceram as praças de Sapadores Bombeiros e Voluntarios de Campo de Ourique, que retiraram por não serem necessarios.

Turistas em Lisboa

Entrou esta manhã no Tejo o paquete inglês «Voltaire» com 336 turistas, que estão a fazer um cruzeiro no Atlantico e Mediterraneo. No numero dos excursionistas registam-se os nomes de muitos banqueiros, medicos, magistrados, industriais e comerciantes e até um actor. O paquete larga á noite.

Também saiu hoje para Southampton o paquete «Empress of Australia», que ontem chegara de Monaco com excursionistas. Em Lisboa embarcou com sua esposa o sr. Oswald A. Scott, conselheiro da embaixada inglesa.

MARINHA MERCANTE

Entrou hoje no Tejo, vindo dos portos de Africa, o paquete «Colonial», da Companhia Colonial de Navegação, que trouxe cerca de 210 passageiros.

O comandante entregou á Policia Maritima João Tavares Bento, marceneiro, que vem de Luanda, a fim de cumprir prisão maior celular por um crime grave.

O «Colonial» vai agora fazer preparativos para a viagem presidencial a Moçambique.

Leia o

fixe

LARBOM, L. DA

MOVEIS—ESTOFOS—DECORAÇÕES

MELHOR E MAIS BARATO

R. AUGUSTA, 240, 1.º — TEL. 2 8811

TAVOLA REDONDA

A propagação da Propaganda

A vida moderna tem os seus ídolos. E o reclamo, a publicidade, a propaganda, pertencem a esse numero desde que o Cruzado de Antanho foi substituído pelo caixeiro viajante. Este pode não ter o valor de um Cruzado,—pode até não valer um pataco—mas tem sobre as massas certa errabunda atracção.

Vem isto a propósito de canêtas.

Ha dias, a canêta de certa marca era vastamente propagandeada nos nossos jornais, em arroubos no estilo de Felipe Trigo. Dizia-se que tal canêta dá a toda a gente «a felicidade, para as suas mãos, de escreverem e pensarem com a maior liberdade». E isto porquê? «Porque V. pode ver o nível de tinta no reservatório. V. pode ver já com antecedência de dias, se o nível está seco. Por esta razão, esta maravilhosa canêta não deixará de funcionar no meio do seu trabalho».

E depois de tão embaladoras promessas, continuava o ditirambo:—«... o seu aparo, doce como um bijou; as pontas são guarnecidas de iridium...».

Um verdadeiro maná. Nem parecia o anúncio de uma canêta; dir-se-ia antes um compendio de psicologia aplicada.

Não vou glosar, e muito menos discutir, a evidente felicidade de um sujeito que tenha as mãos a pensarem e a escreverem em liberdade;—assim já um jornalista pode mandar as mãos para a reportagem necessaria, e ficar em casa com a familia. Também considero vantajoso aquilo de vigiar o reservatório. Quanto a verificar com antecedência de dias que o nível está seco, parece melancólico; mas longe disso; é esse o segredo que assegura a maravilhosa canêta:—«Não deixará de funcionar no meio do teu trabalho!»—Pode algum de nós olhar com diferença essa garantia?

E não arrebatá possuir um aparo doce como um bijou?

E não deve ser consolador, isto de ir a qualquer sitio e ver os outros a invejarem-nos «pontas guarnecidas de iridium»?

A mim, aquele anúncio embriagou-me. Cheguei a sentir assomos de «iridium tremens»...

Foi com certeza por lhe ter saído na rifa uma canêta assim, que Mariana Alcorado escreveu, sem o nível ficar em seco, tamanhas cartas de amor.

FRADIQUE

O sr. ministro do Interior

terá de ficar de cama durante alguns dias

Não teve, felizmente, consequências graves o desastre que ontem ocorreu com o automovel do sr. ministro do Interior no cruzamento das avenidas 5 de Outubro e Miguel Bombarda. O sr. dr. Mario Pais de Sousa terá de ficar de cama durante alguns dias, mas o seu estado é satisfactorio. O seu secretario, sr. Almeida Garrett, seguiu hoje de manhã do hospital para sua casa e o seu estado também não inspira cuidados.

Durante o dia, foi grande o numero de pessoas que estiveram em casa do sr. ministro do Interior a informar-se do seu estado de saúde. No ministerio do Interior têm-se recebido também muitos telegramas de todos os pontos do país e cartões de pessoas de todas as categorias sociais, congratulando-se pela pouca importancia do desastre.

O sr. Presidente da Republica e o chefe do Governo informaram-se pessoalmente pelo telefone do estado de saúde do sr. dr. Pais de Sousa. Todos os membros do Governo, os presidentes da Assembleia e da Camara Corporativa e outras individualidades estiveram em casa do sr. ministro do Interior ou procuraram obter informações pelo telefone.

O rei Zogu vai partir

para a America

ATENAS, 20 — O rei Zogu pensa em partir para a America. Irá embarcar em Londres, a bordo dum navio inglês, e será acompanhado pela rainha Geraldina e filho, pelas quatro irmãs e por um ajudante de campo.

O rei Zogu está a viver em Larissa, muito retirado no seu quarto, e aboliu todas as ceremonias proprias da corte.

Pagou a cada um dos membros da sua comitiva masculina 2 meses de ordenado, comprou-lhes fatos á civil e proibiu-lhes o uso de uniforme.—(U. P.)

SESSÃO NA CAMARA MUNICIPAL

Lisboa consome mais carne

desde que ela baixou de preço

O regimento e as contas do Municipio

Sob a presidencia do sr. engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, realizou-se hoje, mais uma sessão publica da Camara Municipal de Lisboa relativa ao mês de abril.

O sr. engenheiro Boaventura Belo propôs, que fosse dispensada a leitura da acta, trocando-se, a propósito, explicações entre o sr. presidente e o sr. dr. Frade Viegas da Costa.

O regimento da Camara

O sr. presidente anunciou que ia apresentar o projecto do regimento da Camara—e o sr. Julio Martins propôs que fosse imediatamente discutido na especialidade. Assim se fez, começando a discussão, artigo por artigo.

O primeiro artigo—que como a maioria dos outros, foi aprovado com a redacção apresentada—dispõe que a Camara terá um presidente nomeado pelo governo e 12 vereadores eleitos segundo as normas indicadas no Código Administrativo. No impedimento do presidente, serão as suas funções exercidas por um substituto também nomeado pelo governo.

Por outro artigo, dispõe-se que a Camara começará a desempenhar as suas funções no dia 2 de janeiro e continuará a exercê-las, mesmo além do prazo competente, enquanto não estiver legalmente substituída.

A discussão incidiu, principalmente, sobre o artigo 21.º do regimento, referente á convocação de sessões extraordinarias da Camara a pedido dum ou mais vereadores. Depois de falarem os srs. dr. Frade Viegas da Costa e Julio Martins, resolveu-se fixar o numero dum terço de vereadores para pedir tais convocações.

O artigo referente ao maximo de tempo em que cada vereador poderá usar da palavra também sofreu uma emenda. Antes da ordem do dia cada vereador não poderá usar da palavra durante mais de 10 minutos. E, na ordem do dia, sobre cada assunto, nenhum vereador poderá falar mais de duas vezes, e durante 20 minutos de cada vez. Exceptuam-se, porém, os autores das propostas, que poderão falar três vezes, na ultima das quais o tempo maximo será de 15 minutos.

Diversas propostas

O sr. presidente propôs que sejam adquiridas, á Companhia Central de Urbanização, parcelas de terreno situadas na encosta da Ajuda, num total de 1.009.542 metros quadrados, e que possuem os requisitos necessarios para serem incluídas nas obras do alargamento da cidade.

Outra proposta do sr. presidente diz respeito á construção de mais um troço de estrada que liga a saída da cidade pela Portela.

Foram aprovadas diversas propostas autorizando funcionarios municipais a exercer funções extranhas aos serviços da Camara, sem prejuizo destes. Uma delas refere-se á actividade litteraria e jornalística do sr. dr. Tomaz Ribeiro Colaco, chefe da repartição de Propaganda e Turismo da Camara.

O consumo de carne

Depois, o sr. presidente disse:—A mero titulo informativo, parece-me interessante ler alguns numeros que mostram o aumento do consumo de carne em Lisboa provocado pela nova tabela que diminuiu os seus preços.

Esse aumento verifica-se tanto quanto á carne de vaca, como á de vitela. Pelo que se refere á primeira é interessante comparar as toneladas consumidas em Lisboa, respectivamente da nona á decima quinta semana, em 1938 e em 1939. Eis os numeros: Em 1938: 130, 123, 124, 125, 123, 122 e 105 toneladas. Total: 852 toneladas. Em 1939: 133, 142, 148, 141, 140, 115 e 142 toneladas. Total: 961 toneladas.

O sr. Julio Martins congratulou-se com a verificação de tais factos e o

sr. dr. Formosinho Sanches salientou que, além de se estar consumindo mais carne, a qualidade tem melhorado.

O sr. presidente agradeceu as palavras dos dois vereadores, dizendo que a Camara tem procurado melhorar a qualidade:

—E' claro que isto tem provocado protestos de interesses legitimos feridos. Mas isso é mais uma razão para continuarmos numa orientação que se tem revelado util para a população e para a lavoura!

As contas da Camara

Passou depois a falar sobre as contas orçamentais respeitantes ao exercicio do ano de 1938, e leu o respectivo relatório, do qual se vê que as receitas foram (numeros redondos) de 161 mil contos e as despesas de 171.000 contos.

Explicou que o saldo negativo de 9.965 contos é aparente, visto que grande parte dessa quantia se refere a participações de despesas.

O «déficit», foi apenas de 1.240 contos (que foram cobertos pelo saldo de gerencia de 1937), e mesmo assim encontrou a sua contrapartida em valorizações e transformações do patrimonio da Camara. Concluiu-se, assim, que as contas estão equilibradas. Houve mesmo, no ano anterior, uma diferença, entre o que se recebeu e se pagou, de 8.579 contos, para mais nas receitas. E foi isso que tornou possível gastar mais dinheiro do que o previsto, em diversos trabalhos.

A vitória de Franco

O sr. dr. Frade Viegas da Costa mandou para a mesa uma moção—que foi aprovada—congratulando-se pela vitória dos nacionalistas em Espanha. Exaltou a importancia de tal facto, para Portugal e para a Europa, o mesmo fazendo o sr. engenheiro Alvaro de Lima Rego—que também apresentou uma proposta para que a uma avenida de Lisboa seja dado o nome de D. António de Almada—um dos restauradores da independencia portuguesa.

A perda do «Paris»

Comentarios da imprensa francesa

PARIS, 20.—O incendio do «Paris» suscita comentarios á maioria da imprensa parisiense, que vê nele não um incidente, mas um atentado criminoso. «Não podemos tolerar um crime contra a França»—escreve, por exemplo, a «Ere Nouvelle». «A opinião francesa quer saber a origem das manobras criminosas que acabam de aniquilar uma das unidades da nossa frota mercante»—diz, por seu turno, o «Jour».

O «Petit Journal» escreve: «O fim é claro: trata-se de desacreditar o prestigio da marinha francesa e, particularmente, na véspera da Exposição de Nova York».

Todos os jornais estão de acordo para que se faça um inquerito rigoroso e se castiguem severamente os culpados. «Impõe-se imediatamente a limpeza de todos os nossos portos»—escreve a «Republique» e também a caça implodosa á escoria internacional que infesta o nosso país.

«L'Ouvre» escreve: «A razão deste atentado seria desviar os passageiros das nossas carreiras, cuja reputação de velocidade e conforto faz ás companhias estrangeiras uma concorrência perigosa».—(Havas).

Descarrilamento em França

PARIS, 20 — Uma automotora descarrilou perto da estação de Naours, na linha de Amiens a Lille. Ha mortos e feridos — (Havas).

CASAMENTOS AU PICIOSOS

são todos aqueles em que se servem «copos de amor» da SU SSA — Rossio, 96 e 98.

QUINZE DIAS NA ALEMANHA

Um rio d

assegura ao Reich o



(Do nosso enviado especial)

Em Stuttgart, durante o jantar no Auspend Club, uma dama do Partido que se sentou á minha frente, disse-me:

—Vai ter ocasião de ver como se trabalha na Alemanha desde a subida de Hitler ao poder.

E não se enganou. O itinerario da nossa viagem obedeceu, em parte, ao objectivo de nos mostrar o Reich em plena laboração industrial, desde os altos fornos do Ruhr, onde se procede á fabricacão do aço, até ás fabricas de automoveis e de aviões, que trabalham dia e noite, a pleno rendimento, quasi todas para a defesa nacional.

Basta citar alguns numeros para se fazer uma ideia aproximada da capacidade produtora da Alemanha:

A fabrica Mercedes-Benz, de Untertürkheim, que visitámos, produz um automovel em cada doze minutos. Das fabricas Junker's de Magdeburgo e Bernburgo saem três aviões de caça por dia. Não falamos da fabrica de Dessau, que está a trabalhar exclusivamente para o exercito, e que deve produzir nove aviões de bombardeamento por dia. Numa das fabricas da «Auto-Union», em Zwickau, aquela que produz o «D. K. W.», vimos sair da carreira um automovel em cada três minutos.

Estes numeros servem a demonstrar que na Alemanha se operou, na verdade, uma revolução sob o ponto de vista da organização do trabalho. Ha seis anos havia no Reich seis milhões de desempregados. Hoje ha falta de mão de obra. A tal ponto que têm de se contratar operarios italianos.

Ao tomar conta do poder, Hitler disse: «Dêem-me quatro anos e o desemprego acabará». Quatro anos volvidos sobre esta afirmacão, verifica-se que não ha desempregados na Alemanha.

Os altos fornos do Ruhr dão-nos bem a medida da capacidade produtora do Reich. Só a fabrica August Thyssen, em Duisburgo-Hamborn, uma das que se encontram associadas na Vereinigte Stahlwerke, emprega 20 mil operarios. A produção de aço da grande empresa industrial, que tem ao seu serviço cerca de 250.000 operarios, foi de 8.400.000 toneladas o ano passado, ou seja a produção total de todas as fabricas da França e da Belgica reunidas.

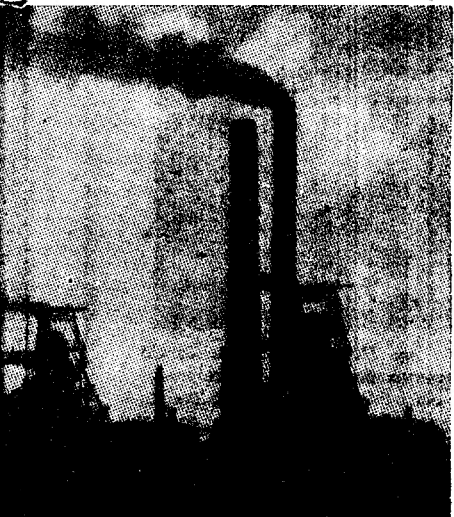
Em 1932, a Alemanha e a França produziam aproximadamente a mesma quantidade de aço: 470.000 toneladas por mês cada uma. Em agosto de 1938, a produção francesa baixou para 419.000 toneladas e a alemã elevou-se para 2 milhões e 15.000 toneladas. A Alemanha produz hoje mais aço que a Inglaterra e a França reunidas.

Todas as chamínés do Ruhr vomitam fumo. De tal sorte que o sol se esconde para além da atmosfera pardacenta que cobre a região. A grande forja do Ruhr está em plena actividade. Um rio de fogo corre dia e noite dos convertedores gigantes onde o fer-

(3)

e aço

e corre dia e noite
s altos fornos do Ruhr
seu poderio militar



ro guza se transforma em aço. E' o
aço que assegura ao Reich a sua posi-
ção de primeira potencia militar da
Europa. A Austria, os Sudetas, a Boe-
mia e a Moravia foram conquistadas,
sem disparar um tiro, pelo aço ale-
mão, pelas armas e pelos canhões fa-
bricados com o aço alemão, que ga-
nham batalhas só com a simples
ameaça do seu poderio militar.

Portugal é um dos clientes da in-
dustria pesada alemã. Em 1938, veio
para o nosso país cerca de 1,3 % da
exportação da *Vereinigte Stahlwerke*,
que conseguiu pouco mais ou menos
14 % da importação total do aço em
Portugal no ano de 1936 e 31 % em
1938. E' interessante notar que nesse
ano o nosso país importou 80.000 ton-
neladas de aço, para 140.000 toneladas
em 1937. A capitação do aço em Por-
tugal é de 20 quilos por pessoa. Na
Alemanha, em 1938, elevou-se para 300
quilos.

Estes numeros bailam-nos diante
dos olhos, como as estrelas de fogo de
Bengala quando o ferro liquido se lan-
ça nos grandes misturadores, enquan-
to visitamos a August Thyssen-Hütte
em plena laboração.

Carvão, ferro e aço—são as três
palavras que resumem toda a activi-
dade industrial do Ruhr. Mineração,
materias primas, fabricas siderurgicas
e officinas de acabamento—são os
quatro ramos principais que se agru-
pam dentro da comunidade de traba-
lho da *Vereinigte Stahlwerke*. A bacia
do Ruhr fornece o carvão indispensa-
vel á industria pesada renano-west-
falica. A maior parte do minerio de
ferro, no entanto, tem de ser importado
da Suecia, da Noruega, da Espan-
ha, de Portugal, de Marrocos, do
Brasil e da Africa do Sul, embora a
bacia do Lahn e os distritos mineiros
de Salzgitter e Oberpfalz forneçam
uma parte consideravel. Tivemos oca-
sião de ver no porto fluvial de Duis-
burgo a descarga desse minerio e a
sua condução em caminho de ferro
até aos pontos de consumo.

A fabrica que visitamos é a mais
moderna e a de maior capacidade da
Europa. Tem a especialidade dos lami-
nados. E é interessante ver como o fer-
ro guza passa por diversas fases até se
transformar em aço. Thomas, cujas
arras são entregues, depois de afei-
çadas num sistema de rolos gigantes,
os laminadores que as reduzem a fi-
as e a tubos duma espessura infinite-
mal.

E' possivel que a independencia eco-
mica do Reich, prevista no plano
trienal, não passe dum sonho. Mas
des que, como nós, visitaram os
tos capitais da produção alemã e
eram ocasião de apreciar as suas
ntes de riqueza—a primeira das
uais é o trabalho—não podem deixar
de reconhecer que a Alemanha cami-
nha decididamente para a autarquia,
que a ha-de libertar da dependencia
economica das outras nações.

NORBERTO LOPES

RESCALDO DUMA CONFERENCIA

Ressuscita a polemica

entre novos e velhos

«Serei sempre bom português
sem deixar de ser
artista moderno»
diz Almada Negreiros

«Não sou contra
a arte moderna
mas contra as intrujices»
diz Ressano Garcia

Houve ontem uma pequena «revolução» na Sociedade Nacional de Belas Artes. Os
espíritos excitados manifestaram-se com certa veemência, trocando-se ápartes furibundas.
O sr. Ressano Garcia, professor, engenheiro e artista realizava uma conferencia sobre
«Pintura avançada», titulo que levantou serias apreensões nos cenáculos modernistas.
Alguns dos seus mais aguerridos representantes foram á rua Barata Salgueiro, sem inten-
ções reservadas, mas ao que parece firmemente dispostos a levantar a luva.

A certa altura, o sr. Ressano Garcia, reportando-se, segundo nos declarou hoje, ex-
clusivamente á desorientação que lavrava nos arraiais artisticos da Ville Lumière, pro-
nunciou uma frase, por uns classificada de incendiária, por outros de mera critica, em-
bora severa, a determinadas escolas da falange futurista. A sala «conbulso». Enquanto
Almada Negreiros, de pé, traçava com a mão, no ar agitado, um gesto negativo, o sr.
Gaspar Simões retirava-se, com ar solene de cabeça descoberta, porque não usa chapeu.
Vicente Arlindo protestou. Antonio Pedro, muíto alto e louro, gritou «não apoiados» di-
mensionistas. O publico, porém, irritado com a «obstrução», rompeu em aplausos ao con-
ferente, abafando a pateada que estalou na sala.

Ressano Garcia, que falava diante do microfone, tentou reatar o fio da conferencia,
exatamente no ponto em que os protestos a cortaram, sem o conseguir.

Segunda e terceira tentativas sem resultado. Interveio então o sr. dr. José Manuel
da Costa, representante do sr. ministro da Educação Nacional, que conseguiu diminuir a
tensão da sala, dirigindo algumas palavras aos protestantes.

Decorreram algumas horas sobre os acontecimentos. A serenidade voltou ás hostes
artísticas. Fomos ouvir hoje as duas partes: o conferente e o chefe dos «insurrectos».
Cada um deu as suas razões, que reproduzimos fielmente.

Fala Almada Negreiros

— 24 horas antes mostraram-me
um convite das Belas Artes, com o
titulo «Arte Avançada». Os sub-titu-
los, porém, manifestavam, claramente,
a intenção do conferente.

— E foi?

— Não resisti! Julguei que fosse ape-
nas um ataque á arte moderna, e isso
era já o bastante para excitar a mi-
nha curiosidade, porque gosto de sa-
ber a altura em que estão os nossos
inimigos...

— Ha assim tantos?

— Não são tão poucos como supõe.
O que francamente não esperava é
que a arte moderna não estivesse lá a
fazer nada, e que «aquilo» redundasse
numa infinidade de insultos a todos
os cultores dessa arte, desde o princí-
pio do seculo passado... até amanhã.

Almada Negreiros fala assim, e não
queremos interromper, porque está di-
zendo coisas interessantes:
— O assunto da maneira como foi
apresentado—ponha. Excelentissimo
Senhor—professor dr. Arnaldo Ressa-
no Garcia, não deve ser novidade
para ninguém, tanto mais exposto
daquella maneira, porquanto já o
pintor Eduardo Malta o fez na
Emissora Nacional, com aquele mes-
mo ar de revelar á Policia os pseu-
do-inimigos da Patria. A verdade
é esta: a Policia não nos incomodou
ainda, nem terá de incomodar, a-pesar
da manifesta má vontade que esses
senhores nos votam.

— Mas qualquer pode discordar?

— Compreendo muito bem que se
tomem atitudes opostas, mas é sem-
pre de arte que se trata, e não de in-
sultos, como fez o conferente. Todos os
argumentos apresentados eram por ele
rebatidos depois, porque falando de
arte, arte e politica, não esclareceu o
publico sob qual era o ponto de vista
russo e o italiano...

— Mas não se referiu Ressano Gar-
cia a nacionalismo na arte?

— Referiu! E' um assunto muito im-
portante, de valor determinado, mas
de modo algum permitimos aos nos-
sos inimigos que se sirvam do enu-
ciado do problema, para acirrar o pu-
blico contra os artistas modernos.

— Após uma pausa:

— Peço-lhe o favor de destacar esta
frase: Sempre e quando for preciso
ser português terei ocasião de demon-
strá-lo, mas nunca deixarei de ser ar-
tista moderno. Não compreendo por-
que os artistas não modernos nos têm
tanto odio, quando nós nunca viemos
a publico atacá-los. Quando muito, á
sua arte. E termino, como ontem, na
conferencia:

— Viva o pintor português Amadeu
Sousa Cardoso!

— Viva Paul Cezanne, cujo cente-
nário a França agora celebra!

— Viva Henri Rousseau, por ter en-
trado no Louvre!

— Viva Picasso!

Fala Ressano Garcia

— Não fiz a minha conferencia como
presidente da direcção da Sociedade
Nacional de Belas Artes, mas como
um mero particular. Numa recente
viagem a Paris, em contacto com per-
sonalidades illustres, como os directo-
res da Escola de Belas Artes e do Mu-
seu de Louvre, criticos, professores,
etc., tive ocasião de conhecer muitas
coisas. Ha nomes, ha obras, que an-
dam na berra que são produto duma
falsa inflação de valores. São os
marchands de tableau que fazem e
desfazem reputações, lançam a cota-
ção duma escola, ou duma maneira
que de arte podem ter o nome, mas
que não o são.

E depois:

— Um exemplo: ha um quadro,
onde está reproduzida uma mesa bem
pintada, que não é apenas um dese-
nho fiel, mas um pouco da sensibili-
dade do artista. Está certo! No entan-
to, os aristarcos passam, e dizem:
pintura antiquada! Ao lado, porém,
está outra, torta, aleijada, incompre-
ensível, e os mesmos afirmam: isto
sim, é pintura! Não será isto a glorifi-
cação da asenria? Mais: um sintoma
da decadencia?

— Mas a sua palestra de ontem?

— Muito simples! Desejei demons-
trar que a arte tem de ser essencia-
mente nacionalista. E' pela arte que
se conhecem as civilizações caldaica,
etrusca, grega e romana, arte bem
caracterizada, produto especifico que,
eloquentemente, as define.

— E hoje?

— Hoje todas as nações procuram
desenvolver esse nacionalismo, exal-
tando a ideia da Patria, através da
sensibilidade de cada um, para assim
se oporem a invasão da barbarie!
Como se consegue isso? Pelo talento e
pelo estudo!

— Mas é contra a arte moderna?

— Não, até a admiro; o que sou é
contra intrujices!

— Os seus adversarios irritaram-
no?

— Não! Foram duma grande infeli-
cidade. Depois de me referir a certo
comissario do povo russo que procla-
mava: ha que derrubar a arte occiden-
tal para atingir a espiritualidade cris-
tã, adoptando o futurismo como arte
nacional, disse:
«Os de puzzles cubistas, os tranquilis-
tas, os esferistas, os abstracionistas,
os surrealistas, os sub-conscientes, os
futuristas e todos os demais dementa-
dos...»

— Nesta altura interromperam-me.
A ocasião não foi feliz. O publico rea-
giu com aplausos, embora o pequeno
grupo—são devéras audaciosos—lhe
fizesse frente.

— Referia-se ao problema na gene-
ralidade?

— Absolutamente! Farei hoje outra
conferencia. Espero que reinará a paz
em Varsovia.

Um discurso do Duce

Mussolini censurou

a mensagem de Roosevelt

ROMA. 20.—Discursando no Capito-
lio, por ocasião da apresentação dos
projectos da Exposição Internacional
de 1942, que deve realizar-se nesta ci-
dade, Mussolini proferiu o seguinte dis-
curso:

«Esta reunião solene sobre a colina
do Capitolio é o primeiro acto da gran-
de mobilização. Que aqueles—pouco ou
muito numerosos—que além-fronteiras
se entregam ao histerismo do momen-
to não se alarmem com o som desta
palavra. Trata-se duma mobilização
civil, pacifica, sem outras armas que
não sejam as do trabalho que come-
çam agora com 15 mil operarios. Tra-
ta-se de iniciar um esforço sistematico
e de coordenar todas as energias na-
cionais para que a exposição mundial
de 1942 seja digna de Roma e da Italia
fascista e do titulo «Olimpiada das Ci-
vilizações» com que é anunciada ao
mundo.

O mecanismo das garantias decenais
é absurdo e errado

«Se tencionassemos acender o rasti-
lho de uma guerra, se nutrissemos de-
signios aggressivos, não nos dedaria-
mos a uma obra desta envergadura, or-
ganizar uma exposição universal, e
não teriamos convidado as varias na-
ções, muitas das quais, ao aceitarem o
convite, provaram que partilham das
nossas ideias quanto á evolução dos
acontecimentos.

«Se a despeito das nuvens tempes-
tuosas que pairam no horizonte, ousa-
mos e continuamos a trabalhar activa-
mente, parece que isso deveria consi-
derar-se como um indice promissor, de
que não queremos atacar ninguém e,
pelo contrario, queremos continuar o
nosso trabalho.

«E' soberanamente injusto e sob to-
dos os pontos de vista injustificavel co-
locar os países do eixo no banco dos
reus.

«O mecanismo das garantias decenais
reciprocas é absurdo, e contem erros
de geografia piramidais praticados por
indivíduos que não têm as mais rudi-
mentares noções das coisas europeias.
Quanto á grande conferencia sugerida
pelo Presidente Roosevelt e na qual os
Estados Unidos se limitariam efecti-
vamente a assumir o papel de especta-
dores afastados, a experiencia deu-nos
amargas lições. O insucesso é tanto
mais certo quanto maior numero de
membros houver nessas conferencias.

E' tempo de reduzir ao silencio
os semeadores de panico

«Quer se envie, ou não, qualquer res-
posta a essa mensagem, desejo apro-
veitar esta oportunidade para nova-
mente dizer que a politica de Roma e
do eixo é uma politica que se inspira
num criterio de paz e colaboração. A
Alemanha e a Italia deram dispo-
nibilidades concretissimas. E', consequen-
te, tempo de reduzir ao silencio os
semeadores do panico, os que fazem
previsões sobre catastrofes, os fatalis-
tas profissionais que muitas vezes co-
brem com uma grande bandeira o seu
medo, o seu odio insensato, ou a defe-
sa de interesses mais ou menos confes-
sáveis.

«Seja como for, não nos deixaremos
impressionar por campanhas de Im-
prensa, por vociferações de fim de ban-
quete, ou por mensagens messianicas.
Sentimos que temos a consciencia
tranquila e possuímos os homens e
meios de defender a nossa paz e a paz
de todos.

«Todos os italianos devem considerar-
se pessoalmente alistados nesta obra,
a partir de hoje. A parte da Italia na
Exposição de 1942 destina-se a per-
petuar-se através dos seculos, por edi-
fícios que terão as proporções de S.
Pedro e do Coliseu.

Dirigindo-se aos visitantes Mussolini
concluiu:

«Visitais hoje o terreno das três fon-
tes e por aqui fareis já uma ideia do
caracter grandioso das obras come-
çadas que, graças ao fervor construtivo
dos empreiteiros e operarios, estarão
acabadas antes dos três anos que to-
mos á nossa frente. Estou certo de que
a vossa impressão será entusiastica.

BOLSA DE LISBOA

20 de abril

VALORES	Recebido	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4 T. 10.	91.800	—	91.800
Consolidado 4 1/2 T. 10.	82.800	881.000	—
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.026.800	—	1.021.800
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.134.800	—	1.134.800
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.054.800	1.054.800	1.055.800
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	—	—	—
Externas 1.ª série	1.625.800	1.624.800	1.625.800
Externas 1.ª carimbadas	1.666.800	1.663.800	1.670.800
Externas 3.ª série	1.643.800	1.643.800	—
Externas 3.ª carimbadas	1.759.800	—	—
Cautelas da 3.ª série s.j.	151.800	152.800	154.800

Ações

Esp. S.ª e Com. L.ª port.	340.800	340.800	341.800
Lisboa e Açores port. 10	—	22.800	—
Portugal port. T. 5	—	—	1.027.800
Fidelidade	—	245.800	—
Mundial	—	670.800	—
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Agua Lisboa port.	272.800	271.800	273.800
Agua Lisboa 1934 T. p.	—	151.800	—
Agua Lisboa 1936 T. p.	—	151.800	—
Cervejas Estrela	—	435.800	—
Cimentos Fejo	—	—	372.800
Cimentos Leiria T. p.	—	—	370.800
Credito Predial	—	9.830	9.880
Gas e Electricidade	251.800	251.800	251.800
Alto Alentejo 1.ª 2.ª em.	—	285.800	310.800
Alto Alentejo 3.ª 4.ª em.	—	28.800	2.500.000
Industria Alentejo	—	104.800	—
Portugal e Colonias	90.800	90.800	90.800
Nacional Navegação T. p.	161.800	163.800	—
Colonial de Navegação	—	48.800	—
Portuguesa de Pesca	—	—	306.800
Ind. Farmaceutica	287.800	285.800	—
Portuguesa de Tabacos	368.800	367.800	368.800
Tabacos de Portugal	285.800	281.800	285.800
União Electrica Portug.	—	—	195.800
Cassequet	—	234.800	237.800
Agricultura das Neves	—	151.800	155.800
Agricultura Colonial	111.800	110.800	115.800
Agucar do Angola	369.800	369.800	370.800
Buzi 1.ª emiss. T. p.	—	42.800	43.800
Illa do Principe	106.800	105.800	107.800
Zambezia T. 5	14.800	14.800	14.800

Obrigações

Norte de Portugal 5 %	105.800	104.800	105.800
C. P. 6 %	188.800	188.800	190.800
C. P. 6 % Beira Baixa	192.800	191.800	193.800
Agua Lisboa 4 1/2 cp.	84.800	8.850	84.850
Prediais 5 % 1933	84.850	84.800	—
Prediais 5 % 1937	—	84.800	—
Prediais 6 % 1932 1.ª	—	90.850	91.800
Prediais 6 % 1932 2.ª	—	90.880	91.850
Prediais 6 % 1934 1.ª	—	90.850	—
Prediais 6 % 1934 2.ª	—	90.880	—
F. N. 1.ª Moagem 5 % T. p.	—	—	918.800
União Elect. Port. 5 %	—	106.800	107.800
União Elect. Port. 6 1/2 %	—	111.850	—
Buzi 5 1/2 % T. p.	—	113.800	114.800
Buzi 6 1/2 % T. p.	—	114.800	115.800

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5182 RUA S. JULIAO, 8

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$15	110\$19
New-York	23\$53,5	23\$54,8
Paris	\$62,3	\$62,3
Berlim	9\$43,8	9\$44,3
Madrid	2\$60,7	2\$60,8
Amsterdam	12\$49,6	12\$50,3
Bruxelas	3\$95,4	3\$95,6
Roma	1\$23,8	1\$23,8
Zurich	5\$27,7	5\$28,0
Rio de Janeiro	1\$37,6	1\$37,7
Libra ouro	—	—

PAPELARIA CARLOS

Secção de tabacaria
e valores selados
Rua do Ouro, 36 — LISBOA

ESTORIL

Casa vende-se

A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garagem, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chale Maria Manoela. Tel. 203. Também informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.

Bôlbo Capilar

Restitui cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. É ao mesmo tempo um requintado produto de toucador, perfume inebriante e persistente, da brilho e fixa, dispensa brilhantinas, aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco, embalagem de luxo c/250 gr. para mais dum mês, 17\$50.

A venda na Sociedade Industrial Farmaceutica, Rossio, 31 e 38, nas boas farmacias e em todas as drograrias da Basca.

Telef. 46526 **NOVA CUTIS**

O creme de dia, e o de noite empregado simultaneamente, constitui o melhor tratamento contra as rugas.

O julgamento dos implicados na morte do guarda-nocturno

No 2.º Tribunal Territorial prosseguiu hoje o julgamento dos novos implicados nos atentados terroristas contra os guardas-nocturnos.

Depois em primeiro lugar a testemunha sr.ª D. Amelia Alfaro que declarou ter ouvido as detonações pouco depois de entrar em casa. Foi á janela e viu três rapazes novos a correr e o guarda-nocturno Joaquim dos Santos a cambalear e a apitar com dificuldade.

O defensor do seu Melo instou a testemunha e esta afirmou que lhe pareceu ter um dos rapazes que fugiam afirmado:—Vamos chamar a Policia!

Depois a seguir o sr. José Maria Branquinho, agente da P. V. D. E., que afirmou terem sido espontaneas as confissões dos reus e terem-se feito as reconstruções com plena liberdade e perante muitos curiosos. Travou-se dialogo acerca do tratamento dado aos presos, tendo os reus declarado que a testemunha Branquinho não estava presente quando foram maltratados.

A audiencia deve reabrir amanhã, ás 13 horas.

Navios de guerra estrangeiros Submarino americano nos Açores

A legação da America comunicou ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros que o submarino «Saur» pertencente á esquadra norte-americana destacada actualmente no Atlantico, visita o porto da Horta de 23 e 26 de maio proximo. Foram solicitadas e concedidas todas as facilidades de uso.

Navio yugo-eslavo em Lisboa

O navio-escola yugo-eslavo «Jadran» visita o porto de Lisboa de 19 a 23 de maio. A legação da Yugo-Eslavia solicitou as concessões das facilidades usuais.

Comboio especial

Foot-ball no Porto

Festas do encerramento da Feira de Março em Aveiro

No proximo domingo, 23 do corrente, a C. P. efectua um comboio especial de Lisboa ao Porto e volta, por motivo do desafio de foot-ball entre o Sport Lisboa e Benfica e o Foot-Ball Club do Porto, sendo os bilhetes para este comboio validos para desembarcar e embarcar na estação de Aveiro.

O preço da viagem de ida e volta em ambos os casos é de 80\$00 em 2.ª classe e 53\$00 em 3.ª. A partida de Lisboa é ás 7,27, de Entre-Campos ás 7,39, e a chegada a Aveiro ás 11,53, a Gaia ás 12,51, a Campanhã ás 13,05 e ao Porto ás 13,14.

No regresso, a partida do Porto é ás 20, de Campanhã ás 20,09, de Gaia ás 20,21, de Aveiro ás 21,17 e a chegada a Entre-Campos á 1,11 e a Lisboa-R. á 1,53.

Caminhos de Ferro do Vale do Vouga Venda de barris vasios

Esta Companhia tem para vender, nos seus depósitos da estação de Sernada, 40 barris vasios, servidos a oleos.

Aceitam-se propostas para a sua compra, postos sobre vagão naquela estação, as quais devem ser dirigidas ao Engenheiro Director da Exploração.—Rua 62, Espinho—até ás 12 horas do dia 31 do corrente.

Espinho, 13 de Abril de 1939.
O Engenheiro Director da Exploração
T. Ferreira de Almeida

O PORTO pelo telefone

2.200 contos de multa e direitos alfandegarios

PORTO, 20.—Em novembro de 1937, vieram para esta cidade, consignados ao sr. F. da Costa Pinto, da praça da Batalha, n.º 30, 3.º, 200 bidões de oleo de mendobi, mas só metade é que foi legalmente retirada da Alfandega, sendo a outra metade sonogada aos direitos.

Instaurado o respectivo processo, foram accusados da fraude o consignatario, seu genro, o despachante da Alfandega sr. Manuel de Castro, o verificador sr. Francisco Gomes da Cruz, Amadeu Antonio Gonçalves Rodrigues, sargento reformado da Guarda Fiscal, e Alvaro da Silva, este dois ultimos socios da Sociedade Fávial Portuense, empresa de bargagens do rio Douro, nos quais foi atribuida a multa de 2.096.656\$00 e respectivos adicionais, além dos competentes direitos, que se elevam a 104.832\$80.

Foi interposto recurso, que foi agora julgado, dando como libados de qualquer responsabilidade os srs. Francisco Gomes da Cruz e Manuel de Castro e sendo condenados os restantes.

Semana das Colonias

Hoje, pelas 15 e 30, o batalhão de Metralhadoras 3, na sua maxima força, sob o comando do sr. major Bartolo, formou ante o monumento ao esforço colonial, no Palacio de Cristal.

As srs.ª D. Aida de Figueiredo, filha dum combatente de Africa, e D. Ana Pereira do Amaral Almeida de Eça, mães doutros combatentes, receberam um ramo de flores que estava na base do monumento, e entregaram-no ao 1.º sargento de Metralhadoras Manuel Rodrigues Eira, antigo combatente de Africa, para este o conduzir ao monumento aos Mortos da Guerra, na praça Carlos Alberto.

O sr. tenente Armindo Soares proferiu uma allocução patriótica, depois do que o batalhão seguiu para a praça Carlos Alberto, onde se realizou a deposição do ramo na base do monumento.

Desastre a bordo

Entrou esta manhã em Leixões o vapor inglês «Palma», que desembarcou o marinheiro Ernst Beard, de 19 anos, que tem uma perna partida, por ter caído a bordo, no alto mar, e que recolheu ao hospital britânico.

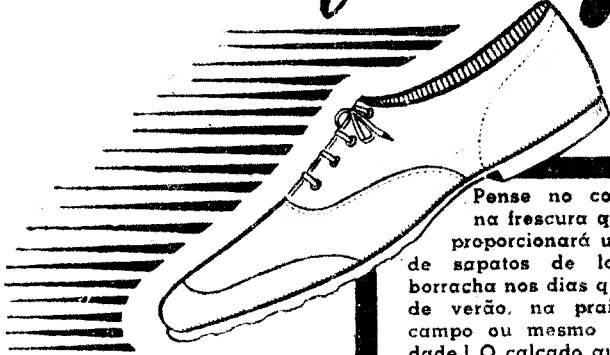
TRIBUNAIS

O julgamento do «Labaredas»

No 2.º Juizo Criminal foi hoje adiado, para data ainda não fixada, o julgamento de Francisco Tomé, o «Labaredas», accusado de ter assassinado para o roubar, na quinta da Terrugem, o motorista de um taxi que tomara na praça do Comercio, crime que teve larga repercussão apaixonando vivamente a opinião publica.

HAVAS

O seu conforto!



Pense no conforto, na frescura que lhe proporcionará um par de sapatos de lona e borracha nos dias quentes de verão, na praia, no campo ou mesmo na cidade! O calçado que tem gravada na sola a marca SANJO é leve, elegante, flexível e de preço módico. Não é o mais barato á venda, mas é o melhor e o mais resistente.

CALÇADO DE LONA E BORRACHA

Sanjo
MARCA REGISTRADA

Douglas Fairbanks Junior

vai casar outra vez



Causou sensação em Hollywood a noticia do proximo casamento do actor cinematografico Douglas Fairbanks Junior com a linda Mary Lee Hartford, que foi casada com Huntington Hartford, conhecido como «o rapaz mais rico do mundo». A cerimonia realizar-se-á no dia 25 do corrente em Beverly Hills. A senhora Hartford, que acaba de chegar a Hollywood, declarou: «Encontrei-me com o Douglas pela primeira vez ha 18 meses, numa festa dada por Merle Oberon, em Santa Monica. Pela minha parte amei-o desde que o vi, mas não nos voltámos a encontrar senão em janeiro ultimo, quando eu visitava Nova York, e foi então que combinámos o nosso casamento, que em breve vai realizar-se». A senhora Hartford, que conta actualmente 28 anos, divorciou-se do marido sob a alegação de incompatibilidade de genios e de que ele a fazia sofrer de crueldade mental. Fairbanks é tambem divorciado da estrela de cinema Joan Crawford.

Tauromaquia

Simão da Veiga Junior

Por um cabograma recebido de Los Angeles sabe-se que o cavaleiro Simão da Veiga Junior foi ali operado, ao que parece, de apendicite, de que vinha sofrendo, pois se ignora que tenha sido colhido. Apesar de haverem solicitado noticias do estado de Simão da Veiga Junior, ignora-se ainda como decorreu a operação e em que consistiu.

Fazemos votos pelas melhoras do estimado cavaleiro, que ha dias nos anunciou o seu regresso no proximo mês de maio.

FATOS

e UNIFORMES
pelo reputado contra-mestre

MAURY
DIPLOMADO POR PARIS

Tambem a prestações
até 12

DIAS DE CARVALHO, L.ª
R. dos Correios, 184, 3.ª
PBX — 26738 — LISBOA

ANUNCIO

Pela 7.ª Vara Civil, 3.ª secção, correm editos de 10 dias, citando credores da massa falida de José Maria Caetano Macieira, para no prazo de 10 dias, findo o dos editos, impugnarem, querendo, a acção sumaria nos termos dos artigos 91, 93 e 95 do Codigo de Falencias, que Maria Natalia dos Reis Torgal move á dita massa falida e credores da mesma, para pagamento da quantia de 5.425\$61, seus juros, custas e outros acrescidos, com hipoteca num predio que pertenceu á Ceramica do Campo Grande Limitada e que foi arrolado para a massa falida.

Cominação legal na falta de impugnação.

Lisboa, 25 de Março de 1939.

O chefe da 3.ª secção
Eugenio Silva
Verifiquei
O Juiz de Direito
Marcos Martins

Funerais e Transferências
Agencia M. Ferreira dos Santos
 RUA DE AR. OLIVEIRA, 111 — Telef. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

Oleados de Cortiça
 O melhor e mais higienico revestimento para chão
 As melhores qualidades e preços na
Sociedade de Tapeçarias, Lda
 Rua Augusta, 116-117

Após a guerra de Espanha

A viagem de Franco pela Andaluzia

MALAGA, 20. — A viagem do generalissimo desde Cadiz até aqui constituiu uma verdadeira marcha triunfal. Os camponeses, ao avistarem o automovel do generalissimo, levantavam as ferramentas do trabalho. Com Franco seguia o general Queipo de Llano. Perto de Algeciras veio uma verdadeira caravana ao encontro do caudilho, que mandou parar o automovel na praça daquela cidade, para corresponder às aclamações da multidão.

Em Algeciras, Franco pronunciou um discurso, comemorando o aniversario da unificação das milícias e exaltou os feitos heroicos dos «boinas encarnadas» e dos «camisas azues», irmanados no mesmo amor à Patria com os valentes soldados. O caudilho recordou, comovidamente, a morte de José Antonio, entre um «requeté» e um falangista. Franco terminou o seu discurso com estas palavras: «Neste dia de gloria, ha que ter presente o mandato dos que caíram em defesa da Patria: unidade e força para que a Espanha seja una, grande e livre».

Alvarez del Vayo na America

NOVA YORK, 20. — Chegou a esta cidade Julio Alvarez del Vayo, que foi ministro dos Estrangeiros do antigo governo republicano de Madrid. Alvarez del Vayo fará uma serie de conferencias, cujo produto se destina a auxiliar os refugiados espanhóis. — (United Press).

Prisões no Chile

SANTIAGO DE CUBA, 20. — A Policia prendeu 10 membros da Falange Espanhola, por actividades ilegais e propaganda nociva à tranquillidade politica de Cuba. — (Havas).

Pessoas excluídas da comunidade alemã

BERLIN, 20. — O Monitor Oficial publicou ontem uma nova lista de pessoas, a maior parte das quais israelitas, que foram destituídas da nacionalidade germanica. — (Havas).

Relações argentino-colombianas

BUENOS AIRES, 20. — Os governos da Argentina e da Columbia elevaram as suas relações à categoria de embaixadas. — (Havas).

Opiniões da Imprensa

Sobre a situação internacional

O «Petit Journal» observa:

«Os dirigentes alemães aconselharam Gafenco a dizer ao Rei Carol para se contentar com a garantia unilateral inglesa e não querer um pacto anglo-romeno. Gafenco, porém, mostrou-se firme e reconhecendo que a Romenia tinha grandes interesses economicos com o Reich, entendia manter a totalidade da sua independência».

O «ECHO de Paris» esclarece:

«Os dirigentes ingleses têm a impressão de que a orientação externa da Espanha, está longe de se encontrar definitivamente fixada, como se julgou em Berlim e Roma. Será erro julgar que a reserva britânica neste ponto, significa desinteresse. A posição estratégica da Espanha é, na hora presente, de particular importância e os dirigentes britânicos não julgam ter perdido a partida na Espanha».

O «Figaro» informa:

«O discurso de Halifax prova que os elementos oficiais britânicos se não deixam enganar pela contra-offensiva do eixo, a qual tem três finalidades: aniquilação, sendo possível, da acção diplomatica que visa a criação da coligação pacifica; 2.ª, agrupar em volta do eixo os estados hesitantes; 3.ª, reforçar as possibilidades estratégicas da Alemanha e da Italia. Por estas razões o Reich faz pressão sobre a Polonia para se liquidar a situação de Danzig até 28 do corrente».

A «Epcque» declara:

«A Alemanha não osará declarar a guerra, se o bloco formado contra ela se aguentar. Mas ao mais pequeno desvio, a guerra estalará».

A «Republique» noticia:

«Sessenta unidades da frota americana partiram em pé de guerra com destino desconhecido. Sabemos de boa fonte que se dirigem ao Pacifico a fim de fazerem frente a um ataque eventual do Japão ao sul do mar da China, ou na direcção das possessões francesas, britânicas ou holandesas».

O «Journal» lamenta:

«Roosevelt está a perder o seu tempo ao pedir compromissos daqueles que o seu professor Woodrow Wilson apelidava de partes contratantes cuja palavra não merece credito algum. A nossa boa França tem visto a esse respeito alguma coisa».

O «Times» escreve:

«Se estamos em periodo de acalmia internacional como se diz, nunca se desenvolveu maior actividade. Não há capital europeia sem visitantes já chegados ou esperados hoje ou amanhã. O que se passou ontem, não trouxe alteração à situação geral europeia. Um indice favoravel é todavia constituído pelos boatos referentes aos preparativos da partida de tropas italianas de Espanha. Se tais boatos forem confirmados pelos acontecimentos, disso poderá resultar um apaziguamento da situação no Mediterraneo occidental. Pelo contrario, a situação continuará a ser tensa».

GREVES NO ESTRANGEIRO

Na industria hulheira americana

NOVA YORK, 20. — Os Estados Unidos estão ameaçados duma greve geral na industria das hulhas. Já se encontram em greve os operarios das hulheiras de 8 Estados e Lewis, presidente da comissão para a Organização Industrial, ameaçou ontem a noite com o encerramento das hulheiras americanas se o Sindicato Patronal não decidir, rapidamente, assinar o novo contrato colectivo de trabalho. Estão em curso negociações. — (Havas).

Pensão Beiramar

Estoril — Telef. 420

ESPLÊNDIDA SITUAÇÃO — SERVIÇO ESMERADO

MOBILIAS

A casa J. e Nunes é a primeira em apresentar as mobílias e decorações mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos

VISITEM OS SEUS ARMAZENS
 para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos
D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.
 135 — RUA CONDE REDONDO — 137

chegada da frota alemã ao largo das costas espanholas retem tão vivamente a atenção geral, bem como a actividade tecnica dos alemães nos portos e aeródromos da Espanha. A actividade diplomatica franco-britânica progride de maneira favoravel. A chegada de Maisky a Moscovo vai dar-lhe novo impulso.

Soube-se que, nos ultimos dias, o governo italiano encorajou o governo yugo-eslavo a liquidar as suas divergências com as croatas e que lhe fez saber que, para Roma, a Yugo-Eslavia forte é um bom concelho no Adriatico. Isto não quer dizer que a Italia seja infiel à politica do eixo. Não há nenhum indicio de que o seja de qualquer maneira, mas isto parece mostrar que as informações, segundo as quais ela está ligada de pés e mãos ao seu poderoso parceiro, são igualmente falsas. A Italia tem a politica que lhe é propria.

O «Daily Mail» diz:

«A Alemanha deve compreender que são as suas sucessivas manifestações de força que obrigaram a Grã-Bretanha a organizar a Frente de Defesa. O proprio facto de que as garantias britânicas à Romenia e à Grecia não tiveram o caracter de reciprocidade dá um desmentido à accusação alemã de cerco».

O «Daily Express» declara:

«O povo britânico quer a paz para si e para os outros. Quere a paz acima de tudo, mas não a paz por todo o preço. A sorte da paz está nas mãos de Hitler. Se ele escolher a guerra, estamos prontos para isso».

O «Daily Herald» regista:

«Em nossa opinião já se chegou a acôrdo relativamente ao concurso dado pelo pacto anglo-turco ao sistema de segurança».

Sobre o aniversario de Hitler

O «Corriere della Sera» diz:

«Ninguém no mundo, mesmo os seus adversarios mais encarniçados, podem pôr em duvida perante estas manifestações o alto significado do renascimento da Alemanha. O povo italiano felicita o amigo de Mussolini e da Italia».

O «Vreme» (yugo-eslavo) diz:

«Oitenta milhões de alemães documentaram hoje perante o mundo inteiro que idolatram o Fuehrer. Os estrangeiros difficilmente podem imaginar o lugar que Adolfo Hitler ocupa nos corações alemães. Em toda a Historia nunca ninguém influenciou tanto o destino como Adolfo Hitler».

O «Correo Español» lembra:

«Hitler não é só o Fuehrer do povo alemão: é o protagonista duma nova politica da Europa. A Espanha nunca mais esquecerá a amizade alemã que se patenteou em momentos muito graves».

O «Popolo d'Italia» declara:

«A Nova Italia exprime ao Fuehrer as suas felicitaciones sinceras e junta-as aos sentimentos do povo alemão».

As eleições holandesas

AMSTERDÃO, 20. — Segundo os ultimos resultados das eleições nos estados provinciais, os socialistas perderam 2 lugares; os catholicos ganharam 11; os anti-revolucionarios 7; os liberais 2; a União Cristã Ortodoxa 2, e os nacional-socialistas perderam 23. A situação dos comunistas não sofreu alteração em relação aos resultados das ultimas eleições provinciais que se realizaram em 1935. — (Havas).

Crise politica na Australia

LONDRES, 20. — De Canberra informam a Reuter que Sir Earle Page se demitiu das funções de primeiro ministro. O governador geral encarregou Menzies de formar ministerio. Menzies é o chefe do novo partido unido. — (Havas).

A GUERRA SINO-NIPONICA

A luta é violenta

CHUNGKING, 20. — As tropas chinesas, após encarniçados combates, que duraram três dias, ocuparam Tseng-Chen, 40 milhas a leste de Cantão, na estrada principal de Pohl. Estão, agora, a proceder, activamente, aos trabalhos de fortificação daquella cidade.

Travam-se furiosos combates ao sul e oeste de Xansi, onde chineses e japoneses chegam já a lutar corpo-a-corpo.

Depois de um violento bombardeamento de artilharia, os chineses ocuparam a cidade de Fushan, ao sul de Xansi.

Os chineses anunciam ainda que, num combate aereo, abateram nove aviões japoneses e perderam dois. — (United Press).

Conversações importantes

HUNG-KING, 20. — O embaixador da Grã-Bretanha, Kerr, chegou aqui ontem, de avião. Supõe-se que vai ter importantes conversações durante os proximos dias. — (D. N. B.).

Atentado em Changai

CHANGAI, 20. — Os terroristas chineses atacaram e feriram gravemente, ontem, um funcionario da repartição do governo de Nanquim. Os japoneses protestaram junto do presidente da Camara Municipal de Changai. — (Havas).

O comunismo na Bulgaria

SOFIA, 20. — Foram presos 22 comunistas que desenvolviam na provincia actividade ilegal. — (Havas).

MARMITE

O MELHOR FORTIFICANTE



Substitue com vantagem o Extracto de Carne
 O único que não afecta o aparelho digestivo
 O mais rico em vitaminas

Encontra-se à venda nas principais
 Mercarias, Farmácias e Drogarias

EM FRASCOS

DE 1 ONZ.	5\$00
» 2 »	8\$00
» 4 »	14\$00
» 8 »	26\$00
» 16 »	46\$00

RÉPRESENTANTES EM PORTUGAL:

ROSA & ADELINO, L. DA
 Rua da Misericórdia, 11
 Telef. 2 0516 LISBOA

BICICLETAS

Grande baixa de preços
 Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
 116 — Rua Crucifixo — 124
 Telefone: 2 7027

Limpa metais MARAVILHA



A ultima Maravilha em Limpa Metais

União Industrial de Graxas, L.da
 Av. 24 de Julho, 16 Lisboa — Telef. 21348
 Rua Passos Manuel, 193 Porto — Telef. 1870

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Ciano vai a Berlim e assistirá à sessão do Reichstag

Na Turquia anuncia-se a conclusão do acordo com a Inglaterra
Continuam em varios países as precauções militares

BERLIM, 20.—Nos círculos autorizados sabe-se que o conde Ciano, ministro dos Estrangeiros da Itália, chega a Berlim no dia 24 do corrente e permanecerá, pelo menos, na capital alemã até o dia 28, a fim de assistir à sessão do Reichstag convocada por Hitler e durante a qual o Fuehrer responderá à mensagem que lhe foi enviada por Roosevelt. (United Press).

As negociações anglo-turcas

IZTAMBUL, 20.—O jornal «Yakit» anuncia que as negociações anglo-turcas terminaram por um acordo completo. (Havas).

Ministros húngaros em Roma

ROMA, 20.—O ministro da Hungria, junto do Quirinal ofereceu um almoço em honra dos ministros húngaros que se encontram em Roma. Assistiram o conde Ciano e outros membros do gabinete italiano.

Os ministros húngaros partem hoje para Berlim. (United Press).

Relações italo-gregas

ATENAS, 20.—O novo ministro da Itália, conferenciou com o presidente do Conselho Metaxas, que parte na próxima segunda-feira para o Peloponésio. (United Press).

A visita de Gafenco à Bélgica

BRUXELAS, 20.—Gafenco chega a Bruxelas na sexta-feira, vindo de Berlim. A's 10 horas será recebido pelo rei e depois irá depor flores no túmulo do Soldado Desconhecido. A's 13 horas haverá um almoço na legação, ao qual assistirão os membros do corpo diplomático, o general Van Dergbergen, chefe do estado maior do exército, e sir Frederic Leith Ross. Segundo todas as probabilidades, esta tarde será consagrada à entrevista com Pierlot. A' noite será oferecido um jantar na legação. (Havas).

A viagem dos soberanos ingleses à America

LONDRES, 20.—Anuncia-se que os reis da Inglaterra, por ocasião da sua próxima visita a Washington, passarão dois dias na Casa Branca, sendo hóspedes do Presidente Roosevelt. (United Press).

Actividade militar

Conversações dos estados maiores alemão e italiano

BERLIM, 20.—As conversações entre os estados maiores alemão e italiano, iniciadas com o encontro dos generais Keitel e Pariani em Innsbruck, vão continuar.

São esperados aqui quatro generais italianos antes do fim do mês. Também se vão realizar conferências entre os comandos navais italianos e alemães, em Kiel e em Wilhelmshaven. (Americana).

Foi visto um submarino à entrada do porto de Halifax

NOVA YORK, 20.—O jornal «Canadian Press» informa em correspondência de Halifax, que o capitão William Lattier, comandante do barco de pilotos daquele porto, declarou ontem à noite às autoridades navais que avistara um submarino, parcialmente submerso à entrada do porto. Lattier acrescentou que se viu perfeitamente as luzes a bordo do submarino e que este aumentou a velocidade quando passou o banco dos pilotos. O comandante do navio de carga «Corner Brook», que se dirigia para Glasgow, avisou William Lattier de que também vira um submarino. (Havas).

Creditos importantes para as bases aero-navais dos Estados Unidos

WASHINGTON, 20.—O Senado aprovou o programa de defesa, que importa em 66 milhões de dólares, destinado a estabelecer e melhorar as bases aero-navais. Aquele programa foi recentemente aprovado pela Camara, mas o Senado acrescentou-lhe certos projectos que a Camara terá de discutir,

sobretudo o credito de 17 milhões de dólares, destinado à construção duma base aerea em Jacksonville, e o de 1 milhão de dólares destinado à compra de terreno em Rhode-Island para a construção duma base. O Senado eliminou creditos no valor de 5 milhões de dólares para melhoramentos no porto da ilha Guan. (Havas).

Chegou ao Brasil uma divisão naval norte-americana

RIO DE JANEIRO, 20.—Fundeu na zai de Guanabara uma divisão naval norte-americana composta pelos cruzadores «Tuculosa» e «Quincy» e o submarino «Sargo», sob o comando do contra-almirante Wood, que veio expressamente, em nome do Presidente Roosevelt saudar o Presidente Vargas. (United Press).

Precauções em Singapura

SINGAPURA, 20.—As autoridades militares proibiram as visitas às bases aereas e navais e às zonas fortificadas. Foram tomadas estas medidas apenas com o objectivo de se evitar a espionagem, que nos ultimos tempos tem tomado grande incremento em Singapura. Aos turistas que desembarcam em Singapura é proibido o uso de máquinas fotograficas, em consequencia de se ter notado que ultimamente numerosos turistas japoneses se dedicavam a fotografar os pontos estrategicos e as bases militares. (United Press).

A cooperação militar entre a Polonia e os Estados Balticos

VARSOVIA, 20.—A Polonia tem actualmente em pé de guerra um milhão e cem mil homens. Em caso de guerra pode mobilizar 5.700.000 homens.

A Polonia resolveu estender a sua ajuda em armamentos e a sua cooperação militar à Lituania, Letonia e Estonia.

Esta resolução foi tomada após as conversações entre o general Laidoner, comandante em chefe do exército da Estonia, o coronel Beck, e o marechal Rydz Smigly. (United Press)

Medidas de precaução na Grecia

ATENAS, 20.—Os jornais anunciam a publicação dum decreto proibindo a venda a subditos estrangeiros de vapores, rebocadores, barcos de salvação, navios-cisternas e diverso material flutuante que se encontra na Grecia. (Havas).

Novo cruzador inglês

LONDRES, 20.—Foi lançado á agua o cruzador «Bon Adventure» que pertence á classe dos pequenos cruzadores extrarrapidos, actualmente em construção. O seu deslocamento é de 5.450 toneladas.

A mensagem de Roosevelt

Vinte países americanos deram a sua aprovação á mensagem Roosevelt

WASHINGTON, 20.—Eleva-se já a vinte o numero de países americanos que deram a sua aprovação oficial á mensagem de Roosevelt.

Nos círculos politicos desta capital estranha-se já a demora de qualquer indicação sobre uma resposta de Roma e Berlim á mensagem, pois ha já cinco dias que esta foi expedida. (United Press)

Como Leon Blum explica o envio da mensagem Roosevelt

PARIS, 20.—Leon Blum no «Populaire» escreve:

«Algumas informações de origem, que creio ser boa, chegam-me sobre as condições em que foi lançado o apelo de

Roosevelt. Ha muito, ao que me asseguraram, que Roosevelt estava resolvido a repetir o seu gesto de setembro e a antecipar-se á catastrophe, num supremo esforço, assim que a sentiu iminente. Na tarde de sexta-feira as informações recebidas da Europa deram-lhe o sentimento brusco da iminencia do perigo.

Entre todos os sintomas que podiam suscitar alarme, aquele que lhe pareceu mais grave—aquele que teria determinado o presidente a agir imediatamente seria a noticia da deslocação da frota de guerra alemã. Em Mashington havia a convicção de que o verdadeiro destino da frota não eram os portos do sul da Espanha mas os portos de noroeste, não Cadiz ou Cartagena mas Ferrol ou Vigo—o que de resto as informações subsequentes confirmaram.

No Ferrol ou em Vigo, isto é, na ponta extrema do Golfo de Gasconha, os cruzadores e submarinos alemães estariam no seu posto de combate prontos a cortar as linhas de comunicação no Atlantico, incluindo as linhas anglo e fraco-americanas. Para que tomar um posto de combate, se não estivessem resolvidos ao combate? Se a sua determinação não fosse já o combate? Se a sua determinação não estivesse já tomada de abrir com uma nova agressão na Yugo-Eslavia, na Romenia ou em qualquer outra parte, a luta armada? Foi então que Roosevelt lançou o seu grito de alarme e esperança. (Havas).

Mensagem de Roosevelt aos jovens democratas americanos

WASHINGTON, 20.—Roosevelt dirigiu uma mensagem ao Club dos Jovens Democratas. Incita os democratas a permanecerem fieis aos principios liberais que levaram o partido ao poder e põe-os de sobreaviso contra as tendências de alguns para se tornarem conservadores.

Observando que não é possível todos os membros dum partido estarem de acordo, Roosevelt declarou:

«No caso de divergencia não ha senão dois caminhos honrosos: mudar de partido ou manterem-se fieis, pon-do os seus preconceitos de lado».

Concluiu assegurando que o seu governo «nunca seria reaccionario ou, se esta palavra parece horrivel, conservador». (Havas).

O embaixador americano no Reich não regressará a Berlim

WASHINGTON, 20.—Os meios diplomaticos são de opinião que o governo dos Estados Unidos não enviará actualmente o seu embaixador para Berlim. O novo encarregado de negocios dos Estados Unidos no Reich, vindo de Moscovo, chegará a Berlim no dia 10 de maio. (Havas).

Noticias diversas

Os observadores italianos tiram conclusões desfavoráveis às potencias occidentais

ROMA, 20.—Os observadores italianos, a proposito das actuais conversações diplomaticas tiram conclusões desfavoráveis às potencias occidentais. Segundo eles as conversações para o pacto aereo franco-anglo-sovietico encontraram a reserva de Moscovo. Os mesmos observadores insistem nas conversações de Gafenco com os dirigentes alemães, nas quais querem ver uma significação especial e que aproximam das entrevistas italo-hungaras em Roma e do proximo encontro italo-yugo-eslavo em Veneza.

O vosso receptor é antiquado? ou funciona mal?

Faça a troca por um famoso

Super som

Reprodução fiel de todos os sons

Rua da Conceição, 35, 1.º

São todavia de opinião que a iminente criação do ministerio dos abastecimentos em Inglaterra é um facto importantissimo e parecem entrever que o eventual titular—Churchill—não trará um novo dinamismo ao governo da Grã-Bretanha. (Havas).

Transferencias de dinheiro para a America

NOVA YORK, 20.—O Federal Reserve Bank anuncia que chegaram ontem a Nova York, vindos da Grã-Bretanha, 9.410 mil dólares. (Havas).

O ouro enviado da Inglaterra para a America eleva-se a cem milhões de libras

LONDRES, 20.—A Grã-Bretanha está efectuando uma mudança misteriosa na politica de descentralização das suas reservas ouro, pois envia actualmente grandes quantidades de ouro que possuía na India e na Africa do Sul para os Estados Unidos.

Os mesmos observadores dizem que o governo britânico apenas deixará no South African Reserve Bank, na cidade do Cabo, uma reserva de ouro no valor de trinta milhões de libras esterlinas. O restante ouro que possui na Africa do Sul será enviado para Londres e daqui expedido para o Banco de Reserva Federal de Nova York.

E' de cerca de cem milhões de libras esterlinas o valor do ouro enviado até agora de Londres para Nova York. (United Press).

Um discurso de Benés

BOSTON, 20.—Benés, discursando em Massachussets na Liga das Mulheres, afirmou que os regimes ditatoriais tinham ultrapassado o seu ponto culminante e que o triunfo dos principios democraticos estava assegurado, graças á reacção que as ditaduras provocaram. Declarou-se certo de que a civilização livre e democratica triunfaria na Europa. (Havas).

A's 17 horas

O ministerio dos Abastecimentos

LONDRES, 20.—Chamberlain anunciou nos Comuns que o governo decidiu criar o ministerio dos Abastecimentos. Leslie Burgin, ministro dos Transportes, foi nomeado ministro dos Abastecimentos. (H.)

As relações franco-espanholas

ROMA, 20.—Os jornais acusam a França de faltar aos compromissos que tomou para com o governo de Burgos e querer utilizar o ouro e as armas levadas pelos republicanos para fazer uma tentativa de pressão sobre a Espanha nacionalista. Os observadores italianos declaram que as hesitações da França quanto á restituição do ouro e das armas submeteu a paciencia de Burgos a uma dura prova, o que agrava as desinteligencias franco-espanholas, que poderão tomar um novo aspecto quando Franco regressar a Burgos. Os jornais italianos dizem que a Espanha já não é um país que se dobre perante as lojas maçonicas ou a finança judaica internacional, mas um país que sabe quais são os seus direitos e como fazê-los valer. (Havas).

O desfile da vitoria em Madrid

ROMA, 20.—Os jornais italianos, em noticia de Burgos, anunciam que o desfile da vitoria em Madrid, fixado para 15 de maio, teria sido adiado para 30 do mesmo mês. (Havas).



A «Semana das Colonias»

O que ha hoje

Por determinação do sr. ministro da Guerra, acedendo ao solicitado pela Sociedade de Geografia de Lisboa, é hoje o dia marcado para a colaboração das unidades e estabelecimentos militares, na «Semana das Colonias», com uma sessão de propaganda, de índole educativa sobre o imperio colonial português, incluído no programa da instrução.

Na Escola Militar, ás 9 horas e 30, o professor sr. tenente-coronel Velhinho Correia realizou uma conferencia sobre «A teoria da colonização», no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, ás 11 horas, o antigo professor sr. tenente-coronel Costa Junior falou sobre «Os resultados actuais do pensamento descobridor do infante D. Henrique»; no Instituto Profissional dos Pupilos, ás 17 horas, realizou-se uma sessão em que o aluno Vaz do Castelo falou sobre as colonias, suas produções, seus descobridores, etc., e o professor sr. tenente Ferreira Martinho versou o tema «Das razões de existencia e da integridade do imperio colonial português».

Às 10 horas, na Escola Industrial de Afonso Domingues, o sr. dr. Oliveira Boléo falou sobre «Portugal na Historia da Civilização», e ás 13 horas, na Escola Comercial de Rodrigues Sampaio, o sr. dr. Marques dos Santos versou o tema «As Colonias Portuguesas».

Na «sala Portugal», da Sociedade de Geografia, ás 21 e 30, realiza-se a sessão magna dos sindicatos nacionais, com representação do Exército, discursando o antigo governador de Angola, sr. coronel Lopes Mateus.

Às 23 horas, na Escola Industrial do Marquês de Pombal, o professor sr. coronel Liberto Pinto continuará a sua conferencia sobre «Macau e Timor na sua evolução através dos tempos».

Pela Emissora Nacional será radiodifundida, ás 20 horas, a allocução do sr. general Viriato da Fonseca, sobre a «Colonia de Cabo Verde».

Na provincia

Em Setúbal—O Liceu de Bocage realiza uma sessão e promove duas conferencias, nos dias 20 e 22, pelos alunos do 6.º ano Madalena Cidreiro e Sousa Rama, que falarão sobre «Os planos de D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque e Fernão de Magalhães» com projecções.

Em Viseu—No Liceu de Alves Martins, serão realizadas quatro palestras por alunos, em quatro dias consecutivos e uma por um professor.

Em Lamego—No Liceu de Latino Coelho, o professor sr. dr. Horacio Afonso de Mesquita versará, no dia 22, o assunto «Cabo Verde e Guiné».

Em Coimbra—No Liceu Nacional de D. João III, abriu uma exposição etnografica e realizará uma conferencia o professor sr. dr. Maximino Correia, sobre «Breve digressão através da Africa Portuguesa» e palestra pelos alunos do 6.º e 7.º anos Cunha Neves e Pedro Barreto, sobre «O descobrimento do Brasil e sua colonização» e «Campanha Africana de Moçambique».

No Porto—Na Escola Industrial do Infante D. Henrique, no dia 22, uma conferencia pelo professor sr. dr. José Gomes.

Concerto comemorativo

No proximo sabado realiza a Academia de Amadores de Musica o seu concerto comemorativo da «Semana das Colonias», que consta de uma demonstração folclorica das nossas provincias ultramarinas por coros masculinos e femininos, canto e pela orquestra da Academia, sob a regencia do professor Fernando Cabral.

O director artistico, professor Tomás Borba, profere algumas palavras sobre o folclore das nossas colonias e elucidará a assistencia no decorrer do concerto.

A sr.ª D. Natalia Miranda de Campos fará uma dissertação sobre costumes de Angola.

Caramelos «CONFIANÇA»

Os unicos nacionais. Um produto da Fabrica de Bolachas e Biscoitos «Confiança». Peça esta esp. cialidade. A venda em toda a parte. Quilo 28-00.

Em **5** prestações iguais sem aumento de preço

Fatos, Sobretudos, Gabardines, Casacas e Smokings.

Sempre novidades

ULTIMOS FIGURINOS

Alfaiataria

RIGOR DA MODA

18 - Rua de S. Nicolau - 20 LISBOA Telef. 25023

O PORTO DIA A DIA

A regularização do transito, os sinais que se não vêem e aquilo que a gente ouve...

A semelhança das grandes cidades europeias, americanas e até africanas, o Porto tem o seu transito de veiculos e peões regulamentado.

O facto não deve surpreender ninguém, desde que Braga e outras cidades também têm, em determinados pontos, postados durante o dia e algumas horas da noite, os seus simpáticos sinaleiros, á espera que no horizonte lhes surja providencialmente um carro ou um ciclista, aos quais tenham ensejo de indicar o caminho por onde decerto não tencionavam seguir.

O Porto é, a-pesar de tudo, uma grande cidade, e, portanto, justo é que ao problema do seu transito se dedique particular atenção.

Não pretendemos de forma alguma desmerecer do muito que se tem feito neste particular; mas em boa verdade devemos dizer que trairiamos o nosso pensamento se disséssemos que têm sido felizes algumas das soluções encontradas e postas em pratica para regularizar o transito, quer dos peões, quer dos veiculos.

Adoptou-se ha muito o sistema do transito em sentido unico nalgumas das suas principais arterias, consentindo-se, no entanto, que por outras os carros possam subir e descer, a-pesar de não o permitir a pouca largura das ruas.

Temos dezenas de casos que poderíamos citar, se tanto fôsse necessario; mas basta-nos uma referencia a algumas ruas de muito movimento, onde, durante o dia e a todos os momentos, os carros são obrigados a seguir muito cautelosamente para se não tocar, dado o pouco espaço de que dispõem. Na rua dos Martires da Liberdade, na parte compreendida en-

tre os electricos, só é permitida a descida de carros ligeiros, podendo, no entanto, subir e descer pela rua Formosa, de muito menor largura e de muito movimento, carros, camiões e electricos. Na rua da Escola Normal, vulgarmente conhecida por calçada do Luciano, embora mais curta mas muito mais ingreme que a rua 31 de Janeiro, é permitida a subida e a descida de carros, e até ali se faz a aprendizagem dos condutores de automoveis. E parte da rua de Passos Manuel, que é muito larga, é apenas permitida a subida.

Parece que isto não está certo.

Quanto ao transito de peões, ha um simulacro de regularização, que, de vez em quando, a Policia faz cumprir com mais rigor, applicando multas aos infractores, numa grande parte pessoas dos arredores, que não compreendem porque é que um policia se mete na sua vida, mandando-os seguir para onde eles nunca pensaram em ir.

Quem vem do estrangeiro acha curioso este sistema que é um pouco diferente do usado, por exemplo, em Paris, onde nos grandes «boulevards» ha locais proprios para a travessia das ruas com segurança e protecção da Policia, que, no entanto, se não interessa por que cada um atravesse onde quizer, por sua conta e risco. Os policas em França são duma amabilidade extrema, solictos a um pedido de informação, e, ao nosso «mercê», respondem invariavelmente «à votre service», o que nos obriga a ter por eles consideração e simpatia.

Quanto a sinalização, temos por cá muita



Em noites de espectáculo no Sá da Bandeira estes carros não poderiam estacionar no mesmo local. Mas não existe qualquer placa de estacionamento proibido.

tre a travessa de S. Carlos e a praça da República, sempre que uma camioneta se cruza com um electrico, ficam entre os dois veiculos uns escasos centimetros, o que obriga a cuidados extremos, atrasando imenso a marcha de cada um, ainda com a agravante de correrem serios riscos as pessoas que seguem pelos passeios, que apenas têm um escasso metro de largura.

Na rua 31 de Janeiro, por onde sobem e des-

abundancia de placas annunciadoras, em geral mal colocadas, pouco visiveis de dia, e de noite absolutamente inuteis, a-pesar de algumas delas estarem colocadas nos candeeiros da iluminação publica. Ainda ha dias vimos, entre as 12 e as 13 horas, um policia dos Serviços de Viação subir a rua 31 de Janeiro em motocicleta, por não ter visto a placa que lhe indicava a proibição de o fazer. Se isto succedeu com um



Na praça da Liberdade, não se pode dizer que o passeio não chegue para toda a gente...

destes funcionarios policiaes que são em geral rigorosos cumpridores dos regulamentos de transito, o que não ha de acontecer com o vulgar automobilista a quem nem por sonhos passa pela mente que por uma arteria tão central se não possa andar em qualquer dos sentidos?

Por que se não coloca a meio das referidas placas uma lampada electrica, com um reflector no centro, para que a luz á noite se espalhasse por todo o espaço a iluminar?

De que servem as placas ás escuras? Algumas, como já dissémos, nem de dia são visiveis...

Pontos ha na cidade onde, á excepção dos automoveis dos srs. officiaes da Policia, ninguém pode deixar o seu automovel, como seja junto ao teatro Sá da Bandeira em horas de espectáculo, sem que contudo ali exista qualquer sinal indicador dessa proibição. Os automobilistas desta cidade já por experiencia propria o sabem, mas quem fôr de fora ignora e não comprehende tal medida de excepção, o que tem dado lugar a aborrecimentos, pois emquanto não aparece o dono do automovel para o retirar dali, a Policia emprega todos os meios ao seu alcance, usando de preferencia o alarme do proprio carro, se isso lhe fôr possivel.

Tudo isto se remediará, se naqueles locais fossem colocadas placas dizendo que o estacionamento é proibido, como as ha noutros pontos, ou com a indicação de «Uma hora», «Duas horas», como no fado da Berta Cardoso...

Tudo isto são pequenos nadaes que pouco custam a fazer ou a reparar, e que podem realmente dar á esta cidade ares de civilizada. Claro que, primeiro, deve proibir-se terminantemente a condução de carretas sobre os passeios, reprimir-se severamente a linguagem desbragada da gente da rua, evitar-se por todos os meios a mendicidade, não autorizar que crianças, mulheres e homens puxem carros, como irracionais, ou transportem pesos superiores ás suas forças, que as sirenes e outros alarmes dos automoveis e camiões, de dia ou de noite, nos atoremtem os ouvidos, etc., etc.

GUILHERME DE CARVALHO

TAUROMAQUIA

No domingo, no Campo Pequeno, realiza-se mais uma corrida com artistas portugueses

O exito alcançado pela tourada á portuguesa de domingo levou a Empresa a organizar outro espectáculo semelhante com três cavaleiros, bandarilheiros dos melhores e dois grupos de forcados ao desafio.

Os cavaleiros são José Casimiro, Fernando Salgueiro e D. Vasco Jardim. Banderilheiros: Alfredo Santos, Agostinho Coelho, Julio Procopio, Segarra, Plá Flores e Manuel Raimundo, da Golegã. Forcados: os grupos de Edmundo de Oliveira e Artur Garrett. Toiros de Infante da Camara. Preços baratissimos.

A bilheteira abre amanhã.

PASTAS e CARTEIRAS

Fabricante Rua Madalena, 97-s/loja

PURA PATENT CREPE

O melhor papel higienico na base da celulose

Peça nas Drogarias, Papelarias e Casas de Utilidades

Distribuidor Geral:

JACINTHO NUNES

RUA FERREGIAL DE BAIXO. 9

Telef. 29473 Lisboa

Um exclusivo VICENT-LISBOA

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilias.

PORTO LISBOA

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 15061-15062 Telef. 27200



Produtos de beleza

ROSIPOR

O emprego de maus produtos de beleza contribui muitas vezes para o desastroso efeito que produz na pele a dilatação dos poros.

Seja porém qual for a causa, esse aspecto desagradável da epiderme pode evitar-se usando produtos que fechem os poros, isto é, que os reduzam e limpem, para que a respiração da pele não seja prejudicada.

Para que uns preparados não prejudiquem os outros e o tratamento de beleza seja racional e lógico, criou-se para poros dilatados o tratamento ROSIPOR, com a dupla vantagem de embelezar como os produtos de beleza das peles normais e ter as propriedades especiais acima indicadas. Assim V. Ex.^a poderá usar na sua toilette ordinaria a AGUA ROSIPOR que tonifica, cora e mantém a juventude, o CREME ROSIPOR n.º 1 composto de suco de flores que além das propriedades acima ditas, fixa muito bem o PÓ DE ARROZ ROSIPOR, que, como ultimo retoque da toilette é excelente para tonificar e fazer a retraction da epiderme.

Academia Scientifica de Belezas
Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Atum em Azeite ?!
PURO DE OLIVEIRA

Só TENORIO...

Recomendavel tambem
aos debilitados

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2.º — LISBOA — Telefone 4 5657

DR. ABEL ALVES — Ovidos, nariz e garganta	A's 14 h.
DR. ADELINO COSTA — Cirurgia geral. Operações	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS — Doenças nervosas. Electroterapia	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES — Doenças dos olhos	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES — Rins e vias urinarias	A's 13 h.
DR. ARMANDO VALLE — Análises clinicas, vacinas	A's 11 h.
DR. ARTUR PACHECO — Doenças da pele e sifilis	A's 17 h.
DR. BENARD CUEDES — Raios X	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE — Assistente livre da Faculdade de Medicina e interno dos Hospitais — Doenças das crianças	A's 17 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO — Medicina Geral	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUZES — Ondas Curtas, V. violetas. Electro. Terapia, Macagens	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS — Doenças da boca e dentes	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA — Clinica geral, estomago e intestinos	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA — Partos, Doenças das Senhoras	A's 15 h.
DR. VASCO DE LACERDA — Clinica medica, coração e pulmões	A's 16 h.

Substitue
a
pintura



Substitue
o
estruque

para decorações interiores e exteriores
Duração eterna
Impermeável
Económico

Distribuidores:
BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

Agência no Norte:
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:
Marquesa de Liorta, D. Maria da Conceição Abranches de Carvalho, D. Ema Pereira Preto Pacheco, D. Regina Ramalho Pinto da Fonseca Couto, D. Ana da Camara Berquó, D. Maria Vitorina Centeno Monteiro e D. Carlota Isabel Anselmo de Siqueira (S. Martinho).

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Laura Malheiro Lopes da Cruz, esposa do sr. dr. Justino da Cruz.
Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.
— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Arminda da Silva Rola, esposa do sr. Antonio Marques da Silva Rola.
Mãe e filho estão felizmente bem.

NO AVIZ HOTEL

Assistencia ao chá de sabado no Aviz Hotel, sob a direcção de Armando da Camara Rodrigues.

Marquesa de Encimada, condessa de S. Mamede, condessa de Azarujinha, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Conceição de Moraes Sarmiento Cohen, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e filha, D. Palmira Andrade de Ximenes Teles, D. Luiza de Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria Roquette de Campos Henriques, D. Maria Isabel Rego de Campos Henriques, D. Helena Mauperrin Ferrão, D. Berta Mauperrin de Castelo Branco, D. Albertina da Camara Rodrigues, D. Sara Abecassis Seruya, D. Albertina Diogo da Silva Teixeira, D. Isabel Ramos Jorge, D. Gerty Cast Seixas, D. Alda Decken dos Santos Lino, D. Amelia Gomes, D. Maria Isabel Avilez Rego, D. Gilda de Mesquita Guimarães, D. Maria Mexia Bettencourt, D. Grace Correia da Silva, D. Marta Mayer Pina, D.

CIDALIA Chapéus modelos
R. Rodrigo da Fonseca, 83, 1.º
Telet 41330

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129 - rjc

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 30 — «O Sacrificado».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «A Fidalga de Arronches».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 23 — «Eh, real!»

CINEMAS

S. LUIS — A's 21 e 15.
FIVOLI — A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
POLITEAMA — A's 21 e 30.
COLISEU — A's 21 e 30.
CENTRAL — A's 21 e 15.
CONDES — A's 21 e 30.
ODEON — A's 21 e 15.
CAPITOLIO — A's 21.
CHIADO TERRASSE — A's 21 e 15.
OLIMPIA — Das 14 e 30 às 0 horas.
PALACIO — A's 21 e 30.
ROYAL — A's 21.
JARDIM CINEMA — Domingos e 5.ª feiras
SALÃO IDEAL — 1.ª ao Loreto.
REX — A's 21.

Henriqueta Clington Carp e filha, D. Manuela Clington Dias, D. Julia de Abreu, D. Maria Alina Sarmiento, D. Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Maria Nobre Andresen da Costa, D. Maria Teresa de Campos Henriques Cruz, D. Maria Eugénia Correia de Castro Pereira, D. Raquel Themudo d'Orey, D. Maria de Serpa Pimentel, D. Margarida Hintze Ribeiro da Silveira, senhora du Daiday, senhora de Pons, senhora de Delbruck, D. Estela Belmarço da Costa Santos, D. Maria Luiza Barata Rugeroni, D. Maria Clara Castro e Sela Soares Mendes, D. Madelaine Bonet Colação, senhora de Araujo Santana, D. Maria da Cunha e Costa, D. Maria Emilia Osorio (Proença-a-Velha), D. Maria Helena Teixeira Gil Beltrão, D. Helena Burnay Pessoa (Vinhais), D. Maria Malheiro Reimão, D. Suzana Andresen da Costa, D. Maria Memon Pestrelo, D. Madalena de Moraes Palmeiro (Regaleira), D. Maria Vitoria Paiva Raposo, D. Amelia Mateus dos Santos etc. No proximo sabado «chá dançante» com a apresentação dos modelos da casa Avantá. Reservam-se mesas.

TURF CLUB

Está despertando o maior interesse, entre a nossa melhor sociedade, o magnifico baile que se realizará na noite de 22 de abril, nos sumptuosos salões deste aristocratico clube.

DOENTES

Foi operada com muito bom resultado a sr.^a D. Ecclida da Fonseca Quaresma Fenhão.

EM VIAGEM

Partiu para Braga o sr. dr. José Alves Correia da Silva.

— Seguiu para Nise a sr.^a D. Maria Carolina de Meireles Sampaio.

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Rep: Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268 — Lisboa



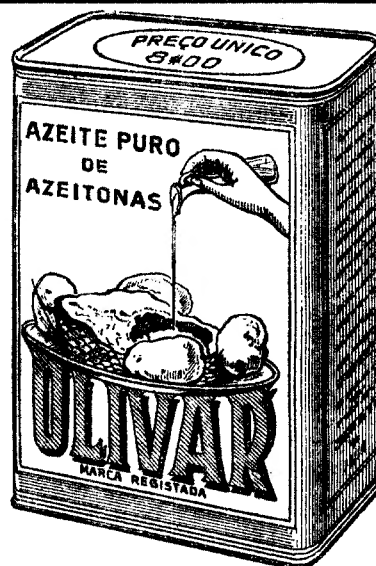
Na limpeza dos
Cristais, Espelhos,
Cromados, Frigoríficos,
Banheiros,
etc.

Nunca
Arranhou!...

Bon Ami

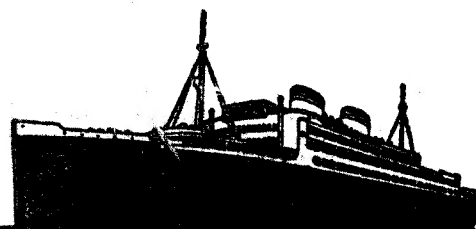
AUTOMOVEL COMPRA-SE

Pronto pagamento, estado de novo, máximo consumo 12 litros, resposta a este jornal ao n.º 58.



A' venda nos melhores estabelecimentos

Deposito geral:
Eugenio Gonzalez & C. (Filho)
R. dos Bacalhoiros, 8 a 20 — Tel. 22244



HAMBURG-AMERIKALINIE
(Companhia Hamburguesa-Americana)

PRÓXIMAS SAÍDAS

Para HAVANA, VERACRUZ e TAMPICO:
M/S "IBERIA", em 3 de Maio
M/S "ORINOCO", em 3 de Junho
Para BOULOGNE S/MER e HAMBURGO:
M/S "ORINOCO", em 14 de Maio
M/S "IBERIA", em 14 de Junho

Saídas semanais de Hamburgo, Southampton e Cherburgo para New York
Saídas quinzenais de Hamburgo, Bremen e Antuérpia para a Costa Occidental de América do Norte
Saídas quinzenais de Hamburgo, Bremen e Antuérpia para a Costa Occidental de América do Sul
Saídas quinzenais de Hamburgo, Bremen e Antuérpia para o Extremo Oriente
Saídas mensais de Hamburgo, Antuérpia, Boulogne e Dover para a América Central

VIAGENS DE RECREIO

ao Mediterrâneo e Oriente, aos Países Nórdicos, ao Mar Báltico, ás Ilhas do Atlântico e ás Indias Ocidentais / Cruzeiros de Natal e Ano Bom

Para informações consultar os Agentes Gerais:
SOCIEDADE INSULANA DE TRANSPORTES MARITIMOS, L^a
P. Duque da Terceira, 20-23 / LISBOA / Telef. 29725-29726

◀ TEATROS E CINEMAS ▶

Imagem do dia

Um grande programa estreia-se hoje no Politeama. Dois belos filmes, de longa metragem, verdadeiras obras-primas no genero.

Um—«A herança duma vida» é uma historia admiravel em que um medico se sacrifica, inteiramente na sua generosa missão. A sua figura nobre, que atinge o mais alto grau de devoção impressiona vivamente. De resto, o entreccho, duma singular vibração, empolga por completo o publico.

O outro—«Uma aventura no circo», é uma graciosa comedia, de riso permanente, incisiva de imagens e recheada de ditos espirituosos.

Maria Judice da Costa

A bordo do «Saturnia» segue para Milão no proximo domingo, 23, a illustre cantora D. Maria Judice da Costa que ali vai dar entrada na «Casa di Riposo per Musiciste», fundada por Verdi e depois auxiliada por outros artistas, como o português Antonio de Andrade, e especialmente Gatti Casazza, que durante dez anos foi director do «Scala», de Milão, e durante vinte do «Metropolitan», de Nova York.

A proposito, o jornal «A Noticia», do Rio de Janeiro, pela pena do seu director, dr. Candido de Campos, diz na primeira pagina, em grandes titulos, que uma gloria de Portugal, exilada pelo destino, vai procurar em Italia um asilo para a tragedia dos seus ultimos dias, e relembra a carreira ruidosa e palpitante da 1.ª cantora lirica lusitana que foi ao Brasil, lamentando que Portugal não tenha amparado a grande artista.

Tem razão «A Noticia», e cabe perguntar que é feito da Casa Gil Vicente e onde para o produto de tantos espectaculos em seu beneficio, nalguns dos quais tomou parte a propria Maria Judice.

A despedida de Beatriz Costa

Conforme temos noticiado, Beatriz Costa, com a sua companhia de revistas, embarca para o Rio de Janeiro, nos primeiros dias do mês de maio, a bordo do «Bagé», a fim de realizar duas temporadas naquela cidade, no teatro Republica, e em S. Paulo, no Casino Antartica. Depois percorrerá as capitais dalgumas dos principais Estados do Brasil e irá á Argentina, começando em Buenos Aires a sua digressão, a convite de Paulina Singerman, que ali lhe prepara uma calorosa recepção. Por este motivo, Beatriz Costa faz as suas despedidas, no Variedades, na proxima segunda-feira, em dois espectaculos.

Efeitos da guerra que todos temem

Em todos os paises se estão tomando medidas para combater a preocupação do publico sobre a probabilidade da guerra que envolva varias nações.

Felizmente Portugal está á margem desses probabilidades. No entanto há muita gente preocupada com o dia de amanhã.

No sentido de pôr obstáculo a esse estado de alma iniciou-se ontem uma campanha de bom humor e confiança com a exhibição do filme «Rapazes modernos», um grande «clow» de gargalhadas continuas, um verdadeiro achado do Cinema Condes, que assim faz esquecer o conflito internacional.

Segunda-feira, no Tivoli, em estreia

CHARLES BOYER EM «ELE E... ELA»

Uma sensacional comedia de amor, cuja acção, em parte, se desenrola na Ilha da Madeira

O Tivoli apresenta segunda-feira, em estreia, o mais recente filme de Charles Boyer—Ele e... ela, com a brilhante vedeta Irene Dunne. Segundo telegramas chegados ontem de Paris, a apresentação daquele filme, em sessão especial, surpreendeu a critica e constituiu um êxito retumbante. Trata-se, com efeito, duma obra cem por cento Charles Boyer, sobre uma admiravel novela romantica, humanissima, que nos conta como os corações duma mundana e dum conquistador profissional se inflamam, de subito, num amor purificante.

Este surpreendente filme, com canções deliciosas e realizado por Leo Mac Carey, em interiores de grande luxo, decorre, em parte, na ilha da Madeira. Este facto faz redobrar de interesse para nós, portugueses, este novo filme de Charles Boyer, que, sem duvida, vai constituir um verdadeiro acontecimento mundano. Se outro motivo não houvesse a recomendar esta produção excepcional, bastaria a circunstancia de ser apresentada pela



«Radio Filmes» para merecer a inteira confiança do publico.



«Repórteres a Prova de Fogo»

Esta cena não foi escrita para o filme que a METRO GOLDWYN MAYER «REPORTERS A PROVA DE FOGO» realizou com Clark GABLE e MYRNA LOY.

O fotógrafo, porém, apanhou esta cena quando de verdade Clark Gable salvou Myrna Loy das chamas de um avião, chamas que, apesar de controladas pelos tecnicos, puzeram em perigo a vida dos protagonistas.

Com o sensacional programa que o EDEN apresenta esta semana «REPORTERS A PROVA DE FOGO» exhibe-se tambem o documentario «ESTRELAS DE AMANHÃ» em que a par das «revelações» de 1938 de Hollywood.

Max Factor J.º — o grande «maquilleur» — dá preciosos conselhos ás senhoras de todo o mundo.

Os novos exitos no Coliseu

Mais um formidavel successo de cinema entre nós: o do novo programa estreado ontem no Coliseu e que consta dos filmes: «Fernand em palpos de aranha», a ultima palavra

em comicidade e imprevisto; «Homens sem lei», aventuras audaciosas; e «Chama da Patria», corridas ciclistas com os nossos melhores corredores. Preços populares. Sabado: «matinée».

Dois filmes, no Odéon e no Palacio

De dois filmes, com duas famosas meninas de cinema, consta o novo programa do Odéon e do Palacio: «A minha boa estrela», com a cada vez mais bela patinadora Sonja Henie, com muita musica e muito baile, luxo e optimismo, e outros artistas tão conhecidos como Cesar Romero e Rudy Ebsen; e «A canção dos ciganos», com a gorducha Jane Winters, que seria tão celebre como Shirley Temple, se não fosse tão feia, e se a ideia do feio não andasse ligada a da maldade das meninas que lhe têm distribuido no cinema.

Neste filme está Jane Winters muito bem, entre organos, tambem com boa musica, da Orquestra Minevitz, e com muita graça.

Bons complementos completando tão excelente programa duplo do Odéon e do Palacio.—«Visor 39».

«Homens sem lei» e Fernandel, no Coliseu

O Coliseu dos Recreios apresentou ontem dois filmes: «Homens sem lei», episodios da guerra civil da America do Norte, quando os bandidos assaltavam os comboios, em combates esforçados; e «Fernandel em palpos de aranha», comedia cheia de graça, provocando constantes gargalhadas. Fernandel, o grande comico francez, surge como um musico que pela primeira vez embarca num grande transatlantico, e que durante a viagem enjôa horrovelmente, mas que, ao desembarcar, resolve divertirse, e deixar-se seduzir, acabando por ficar sem dinheiro e sem passaporte, através de peripetias e surpresas cheias de humorismo.—«Visor 41».

Atrás do reposteiro

Segundo planos já assentes, depois da estreia, no Rio de Janeiro, da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, seguir-se-á, no Republica, a de Beatriz Costa; no Recreio, a de Maria Matos e, depois desta, possivelmente, tambem no Republica, a de Palmira Bastos, que ali vai fazer as suas despedidas ao publico brasileiro.

—A opereta «Cacho Dourado», que os «Artistas Associados» vão estrear no Maria Vitoria, no dia 29 do corrente, tem apenas dois actos, divididos em dezanove quadros. A acção passa-se em Galamares, perto de Colares, entre figuras da região.

—O actor José David está a trabalhar na organização duma «tournée» de verão, constituida por varios elementos e ainda por uma cantadeira que muito se tem distinguido ultimamente, tanto pela voz como pelo repertorio.

—Os sete quadros da revista de Archer dos Santos e Carlos Rodrigues, «Lá vai Lisboa!», que vai apresentar-se no Apolo, intitulam-se: «Tipos populares», «A porta da Brasileira», «Na Feira da Ladra», «Pagina de anuncios», «Lisboa nocturna», «Sugestões dum cabaret» e «Fiat Lux!».

—A peça de Ruy Correia Leite, «A vida é assim...», que na quarta-feira se estreia no Avenida, com a actriz Palmira Bastos na protagonista, tem ainda como interpretes Brunilde Judice, Irene Isidro, Elvira Velez, Aurora Celeste, Lucia Mariani, Assis Pacheco, Abilio Alves, Alvaro Benamor, Henrique Campos e Henrique Pereira, sendo a encenação do professor Antonio Pinheiro.

—O actor Francisco Ribeiro (Ribeirinho), tendo de assumir em junho, novamente, a di-

(Ver continuação na pagina seguinte)

PROGRAMAS DE HOJE

HOJE—A's 21 e 30 Tel. 21172

2.ª SEMANA

GUNGA DIN

com

Gary Grant, Victor Mc. Laglen e Douglas Fairbanks Jr.

Verdugo de si mesmo

com

Akim Tamiroff, Ana May Wong e Gail Patrick

ODEON A minha boa estrela

A's 21 e 15

Tel. 2 6283

com Sonia Henie

PALACIO A CANÇÃO DOS CIGANOS

A's 21 e 30

Tel. 4 7163

com a encantada garota Jane Withers

CAPITOLIO Aldela da Roupa Branca

Pés que dançam

Tel. 2 7493 A's 21

TIVOLI

O Duque de West-Point

com Louis Hayward, Tom Brown, Richard Carlson e Jean Fontaine

A's 21 e 30
TELEF. 5 0595

POLITEAMA

Herança duma vida
com Ann Shirley e Fernand Elio

A's 21 e 30
Tel. 26305

REX

O sinal secreto
Revista de Golwyn

Tel. 2 9656 A's 21

PARIS

O Patriota
Cantemos outra vez

A's 20 e 30

ROYAL

Cantor de Sua Alteza
Como num sonho

Tel. 45037 A's 21

EDEN

2.ª semana
CIUME (gente nova)

Entrée des Artistes
com Janino Darcey e Louis Jouvet; e XII SALÃO AUTOMÓVEL, PORTO

A's 21 e 30
Tel. 2 0768

CUNDES

Rapazes modernos
com a orquestra de fama mundial RAY VENTURA, Micheline Cheivrel, Mona Goya, René Lefevre, etc.

A's 21 e 30
Tel. 2 2523

TERRASSE

COM A VERDADE ME ENGANA
MULHER FATAL

Tel. 2 9017

LYS

Com a verdade me engana
MULHER FATAL

Tel. 48560

CASINO

Uma francesinha em Nova-York

A's 21 e 30

ESTORIL

A noiva de meu pai

A's 21 e 30

ROYAL CINE

PAREDE

A's 21 e 30

TRINDADE

HOJE: A's 9 1/2 horas

O EXITO CLAMOROSO DE MARIA MATOS

A comedia das gargalhadas

A FIDALGA DE ARRONCHES

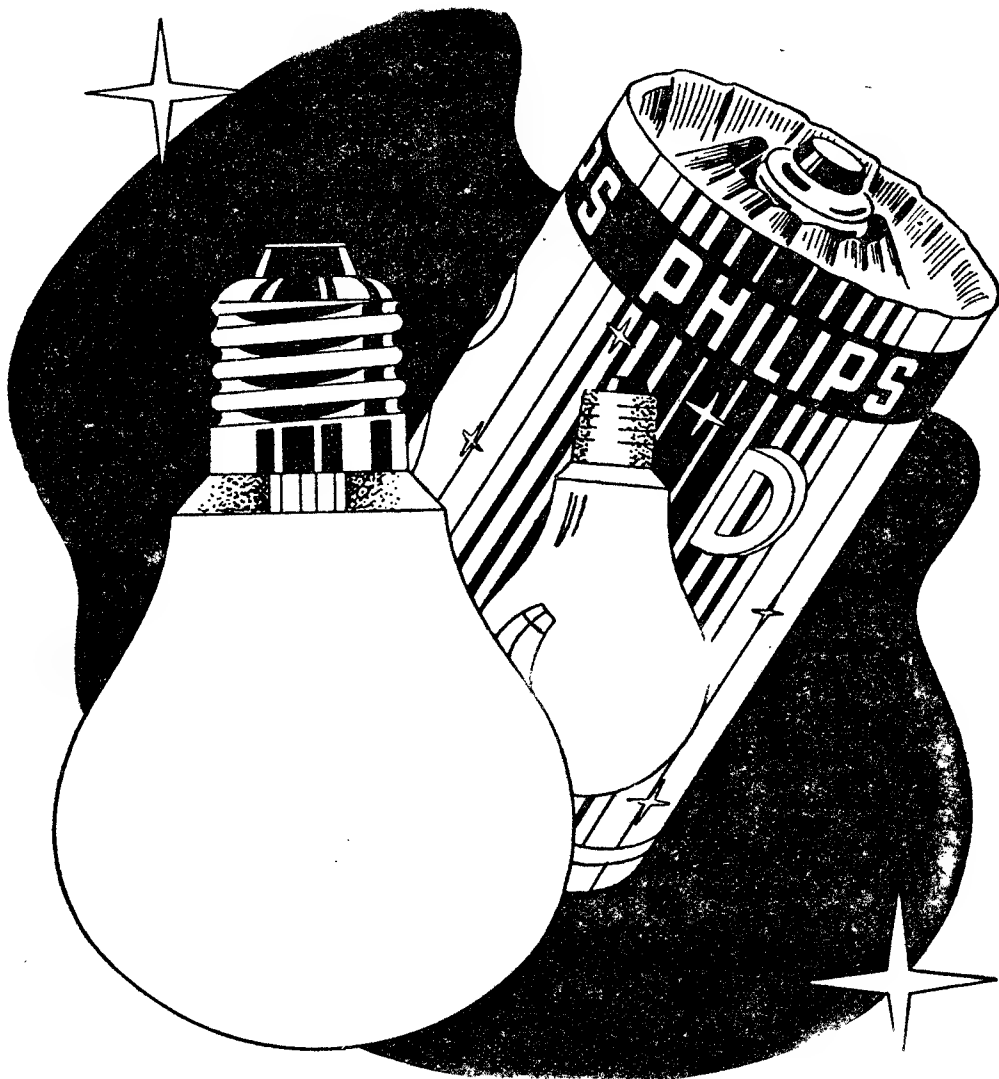
3 actos magistrais de risota permanente

VARIEDADES: A's 8 1/2 e 10,45 h.

ULTIMAS DA REVISTA

EH! REAL!

Despedidas de BEATRIZ COSTA



LAMPADAS PHILIPS

**Fornecem luz abundante
São económicas e duradouras**

Espectaculos

(Continuação da página anterior)

recção do Teatro do Rovo, termina em meados do próximo mês de maio o seu contrato na companhia Maria Matos.

—Foi operada anteontem pelo sr. dr. Azevedo Gomes, que teve como medico assistente o sr. dr. Oliveira Machado, a actriz Constança Navarro, cujo estado é satisfactorio.

—E' no proximo sabado que se realiza, no Jardim-Cinema, a festa artistica do actor Silvestre Alegria, com um programa de cinema e variedades por diversos artistas de teatro.

—A' semelhança do Teatro Rentini, vai construir-se outro teatro desmontavel, para percorrer a provincia, fazendo estagio em varias terras, para espectaculos mistos teatrais, de variedades e de circo, á americana.

—Os jornais do Rio de Janeiro anunciam largamente a nova temporada de recitais poeticos que aquella cidade e a S. Paulo vai, proximo, realizar a declamadora Berta Singerman.

—A farsa que Foyos Teixeira e Eugenio Salvador adaptaram com o titulo «Benfica-Sporting», gira á volta de assuntos desportivos e passa-se entre socios dos dois clubes que lhe servem de titulo.

—O elenco da companhia Adelina-Aura Abranches, para os espectaculos que vai realizar no Nacional e para a sua projectada «tournee» pelo país, será augmentado com mais uma actriz.

JANTAR DANÇANTE

no Estoril Palacio Hotel

Amanhã realiza-se no Palacio Hotel este habitual jantar dançante das sextas-feiras.



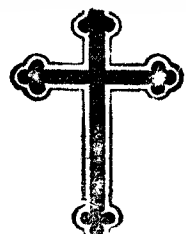
FAÇA AS SUAS TOALHAS

DE MEZA

com tecidos lacados «Fabrikoid» cheios de cor e beleza ou inteiramente brancos imitando os desenhos e o acabamento do linho. Estas toalhas, protegem a mesa de nódoas e manchas, lavam-se facilmente e assentam admiravelmente em nada se assemelhando ao oleado.



BETHENCOURT BROS LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO



D. Ernestina Paes de Almeida FALECEU

Joaquim José de Almeida, filhos, nora, netos e mais familia participam o falecimento da sua querida mulher, mãe, sogra, avo, irmã, cunhada e tia Ernestina Paes de Almeida, realizando-se o seu funeral amanhã, 21, pelas 13 horas, da Igreja das Mercês para a terra da sua naturalidade, Freguesia de S. Geraldo, do concelho de Montemor-o-Novo.

AGENCIA MAGNO



Vinhos de mesa, do Porto, quinquetos, espumantes naturais, aguardentes, vermouths e vinagres. Vinhos da Madeira, «Gomes», «Whisky», Benmore». — Encontram-se a venda em todos os bons estabelecimentos e na Fillal, Rua do Alecrim, 17. — Telef. 2 2556. — Distribuição aos domicílios

TAMARIZ ESTO IL

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Apazível recinto com divertimentos,
para creanças

POR 5\$00

Se namais todos podem adquirir Relógios de todas as marcas, joias e objectos em prata inscruvendo-se a no sistema de Vendas a Prestações com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido a primeira prestação sómente por 5\$00 F. de Sousa Torralba. Rua de S. Paulo 106 Telef. 6568

PARTEIRA ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos, Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

PENSÃO ASTÓRIA

Rua Braamcamp, 10
Instalações modernas
Magnífico serviço de mesa
Diarias desde 18\$00—Telef. 4 4800

VASELINAS LIQUIDAS E FILANTES

Sonap

AS MELHORES QUALIDADES AOS MELHORES PREÇOS SOC. NACIONAL DE PETROLEOS

R. TERREIRO TRIGO, 52
LISBOA

R. 31 JANEIRO, 45
PORTO

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

Um grande escritor brasileiro

O CENTENARIO DO NASCIMENTO de Machado de Assis



MACHADO DE ASSIS

O Brasil celebra este ano o centenario do nascimento de Machado de Assis, figura central da sua literatura e um dos maiores escritores de lingua portuguesa. Infelizmente, Portugal não conhece bastante esse que é a mais alta expressão do espirito brasileiro, e, ao mesmo tempo, um dos mestres supremos da lingua comum—gloria, portanto, dos dois paises! E é preciso que os meios intelectuais de Portugal contribuam para a celebração do nome de Machado de Assis, de qualquer maneira digna do seu enorme valor. Quem foi Machado de Assis e o que significa a sua obra na evolução historica da literatura brasileira, eis o que nos diz José Osorio de Oliveira no ensaio «Expressão Literaria do Brasil», que constitui a primeira parte da notavel obra «Brasil», que tem por autores esse brilhante ensaista, o grande poeta João de Barros e o distinto publicista Gastão de Bettencourt, e que as Edições Europa estão publicando. Com a devida vénia, transcrevemos essas paginas de José Osorio de Oliveira, que constituem uma sintese perfeita.

Não é possível conceber um contraste maior que o de Castro Alves e de Machado de Assis. O primeiro, é a eloquencia personificada; o segundo, a propria noção da medida, no estilo e no pensamento. Aconselhando a sua pena de cronista, diz esse homem que bem se conhece: «Sê entusiasta para o génio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquela meia tinta, tão necessaria em melhores efeitos de pintura. Comenta os factos com reserva, louva ou censura como te ditar a consciencia, sem cair na exageração dos extremos». E assim foi sempre, comedido e discreto como ninguém, sóbrio como nenhum escritor de lingua portuguesa, incluindo, talvez, o proprio Garrett, com quem tinha tantas afinidades de espirito.

Mas não se vá pensar que essa sobriedade de estilo e essa moderação, esse equilibrio de pensamento, derivam de uma natureza pobre. Nenhum ficcionista (excluo, portanto, os escritores de ideias) teve, no Brasil como em Portugal, tão grande riqueza interior. Só assim se compreende a sua extraordinaria capacidade de análise psicológica, e só assim se explica o seu génio literario, que tem qualquer coisa de maravilhoso. Mestiço, filho de um operario e de

uma lavadeira, ambos mulatos, obrigado a trabalhar desde muito novo, tendo frequentado apenas a escola primaria, esse homem excepcional tinha uma cultura literaria completa, um perfeito conhecimento da lingua, a ciencia de todos os segredos da arte de escrever. A delicadeza e precisão do traço, a finura das notações psicologicas, a subtilidade dos conceitos, o bom gosto exemplar, a absoluta elegancia de espirito e de forma, tudo quanto aristocratiza um escritor, possuia-o Machado de Assis. Auto-didacta, não há uma frase nem um pensamento, em toda a sua obra, que denunciem a falta de disciplina da sua formação estetica e cultural. Dir-se-ia, de facto, o descendente de uma familia de aristocratas do espirito, o herdeiro da cultura de muitas gerações, o produto de uma longa e superior escolaridade ou o filho de um país com a civilização literaria da França. E tudo esse homem aprendeu por si!

Os seus livros estão cheios de conceitos e pensamentos, tão concisos e penetrantes que outros iguais não é possível colher em obra nenhuma de escritor brasileiro ou português. Vejamos alguns exemplos, que o são também do seu pessimismo irónico, do seu desencanto dos homens, do seu amargo sentimento da vida: «Nem mesmo a dor é constante». «Também a dor tem suas hipocrisias». «O infortunio é egoista». «Há dores secas, como há coleras mudas». «Tu do morre, até a esperança». «Bemaventurados os que possuem, porque eles serão consolados». «Matamos o tempo, o tempo nos enterra». «A ferocidade é o grotesco a sério». «A autoridade dos mortos não afflige e é definitiva». «Não é só o Céu que dá as nossas virtudes, a timidez também».

Não há, de facto, em nossa lingua, livro tão pessimista como as «Memorias postumas de Braz Cubas», que terminam desta forma: «Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve ninguém nem sobre, e consequentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do misterio, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capitulo de negativas:—Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miseria». Só um pessimismo absoluto, um profundo desencanto, uma extrema amargura podiam ditar essas palavras. Mas, como essas palavras demonstram, o pessimismo de Machado de Assis, que não tem limites subjectivos, exprime-se dentro das rigorosas medidas do seu gosto estético. Talvez, mesmo, o seu humorismo não tenha sido mais que uma disciplina imposta pelo seu bom gosto de escritor ao desespero do homem.

Percebe-se facilmente, ao ler qualquer dos seus grandes livros, que ele sorri dos homens e da vida para não chorar. O protagonista do romance «Dom Casmurro», narrando a sua vida, feita só de um amor e de uma amizade, e a sua dupla e amarga desilusão, não grita, não invectiva; conta simplesmente, com melancolica ironia, a sua tragedia. Assim procedia o proprio escritor, com a unica diferença que, mais discreto que as suas personagens (confessando-se exclusivamente através delas), nunca revelou as intimas razões da sua amargura. Descobriu-as Lucia Miguel Pereira, no estudo critico e biografico, tão inteligente e completo, que recentemente consagrou ao grande e perfeito homem de letras.

As «Memorias postumas» são o livro mais singular das duas literaturas, do Brasil e de Portugal. Escreve-as «Braz Cubas» depois de morto, iniciando-as um capitulo intitulado «Obito do autor». Só depois de uma descrição do seu proprio delirio (nove paginas que são das mais admiráveis que se têm escrito em português), esse «Braz Cubas» começa a contar a sua vida desde o nascimento até final.

«Obra de finado. Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conubio».

Assim se exprime «Braz Cubas» na advertencia ao leitor. Assim poderia exprimir-se Machado de Assis acerca de quasi todos os seus romances e livros de contos; principalmente acerca das suas três obras maximas: «Memorias postumas de Braz Cubas», «Quincas Borba» e «Dom Casmurro». Com uma diferença todavia: é que o seu humorismo nunca chega a ser galhofa (e nisso se distingue de Eça de Queiroz), como nunca, apesar do seu desespero, chega a ser sarcasmo (e nisso se distingue de Camilo). Porque dos nossos mestres se distinguia, e no Brasil não tinha aparecido qualquer espirito semelhante (tão profundamente oposto ao seu feito mental é o génio satirico de Gregorio de Matos), houve quem considerasse inglês o seu humorismo. E' um erro tão grande como falar da ironia francesa de Eça de Queiroz, quando é tão português o espirito chocarreiro e achincalhante, tantas vezes de mau gosto, do autor de «A Reliquia». Não só na sua reserva, no seu pudor, na sua timidez, mas na sua ironia, Machado de Assis é brasileiro—não como todos os brasileiros, mas como os de São Paulo e os de Minas Gerais. Por alguma razão são quasi todos paulistas ou mineiros os prosadores contemporaneos em que se mostra mais viva a influencia do criador de «Braz Cubas».

Esse ironista, apesar do seu imenso desencanto dos homens, não era um insensível.

Pelo contrario, as suas obras estão impregnadas de compaixão e, por vezes, mesmo, de ternura. Sem mentir, pôde dizer: «A simpatia é o meu lexico». Nem a melancolia, que ele, como «Braz Cubas», misturava com o riso, é outra coisa senão uma forma de bondade—a maneira de adoçar a sua visão ironica dos homens. Tanto mais ironica quanto deles só via, geralmente, a pequenez. «Eu gosto—disse—de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto». Dessa análise do que é miúdo mas constitui, quasi sempre, a verdadeira personalidade dos homens, resulta, precisamente, a profunda verdade psicologica das figuras por ele criadas: «Quincas Borba», «Rubião», «Sofia», «Capitu», tantas e tantas outras. Como ele dizia: «A vantagem dos miúpos é enxergar onde as grandes vistas não pegam». Um escritor, com os olhos postos nas grandes paixões e nos grandes herois, não seria capaz de descrever a cena de amor dos dois adolescentes no quintal—esses três pequenos capitulos do «Dom Casmurro» que constituem, simplesmente, uma obra prima. O retrato fisico e moral, completo, de «Capitu», traçado nessas paginas, é uma pura maravilha.

Será brasileiro um tal escritor? Esta pergunta fizeram-na, durante muito tempo, os proprios brasileiros, a-apesar de José Verissi-

mo, com a sua singular agudeza critica, ter reconhecido em Machado de Assis «a clara intuição das nossas intimas peculiaridades nacionais», e nele ter visto «porventura o mais intimamente nacional dos nossos romancistas». Alencar tinha, de facto, iludido os brasileiros sobre a essencia do brasilianismo, que residia mais, certamente, na classe média urbana em que se inspirou Machado de Assis, que nos indios convencionais e nos proprios caboclos poetizados. O «agregado» José Dias, do «Dom Casmurro», é brasileiro como nenhuma personagem de Alencar. E que distancia não vai do pseudo-brasilianismo da india «Iracema» ao brasilianismo autentico de «Capitu»? No volume «A Critica de ontem», Nestor Victor, insuspeito de «machadismo», escreveu justamente: «O brasileiro idealizado, eis o que viu Alencar; o que Machado de Assis viu foi o carioca ao pé da letra, senão ainda pior do que é. Mas conhecer o carioca é conhecer o brasileiro reduzido ao tipo de civilizado, como o seu fundo étnico e o meio permitem». E repare-se que o critico evidentemente se refere, nesse paralelo, aos romances citadinos, mundanos, de Alencar—o que torna maior o contraste entre os dois grandes escritores.

Falámos de Machado de Assis-prosador visando, em especial, os três romances citados, mas não o romancista, exclusivamente. Há quem considere esse escritor mais contista que romancista, mas (embora esse facto seja aparentemente paradoxal) não há quem negue a primazia daqueles três romances, não só sobre os outros livros do mesmo genero como sobre os volumes de contos, por exemplo: «Historias sem data» e «Varias historias», que contam, cada um, pelo menos uma obra-prima: «Noite de almirante» e «Conto de escola». Pode haver, de facto, quem prefira esses contos ás «Memorias postumas» ou ao «D. Casmurro», mas sempre se falará de Machado como do homem que exprimi a sua filosofia da vida pela pena de «Braz Cubas» (ou do «Conselheiro Ayres» do «Memorial de Ayres»); sempre se dirá que ele foi o criador de «Quincas Borba», de «Rubião», de «Sofia», de «Capitu»—o autor de romances. Isto sem que, na verdade, se possa dizer que o contista é menor, e sem que seja, mesmo, absurdo afirmar que Machado de Assis é mais contista que romancista. As suas qualidades essenciais estão nos contos tão inteiramente como nos romances. Nem estes, pelo espirito, se distinguem dos contos. Uns e outros são, acima de tudo, pretextos para as reflexões desse «pequeno filosofo». Assim se intitulou o grande escritor espanhol Azorin, profundo analista do «mínimo» e do «escondido», como Machado de Assis.

Este foi, ainda, poeta—um dos que estabeleceram a transição do Romantismo para o Parnasianismo. Mas, embora Manuel Bandeira diga que nas «Occidentais» «se contém alguns dos mais admiráveis poemas da nossa lingua», o poeta Machado de Assis carece de importancia para quem estuda, não todos os valores literarios do Brasil mas a evolução da literatura brasileira. Perante o significado absolutamente excepcional do prosador, não vale a pena citar o poeta, com todo o seu talento.

JOSE' OSORIO DE OLIVEIRA

"No ALTAR da PATRIA" *Bibliografia*

O novo livro de poesias de Ruy de Vouga

Ruy do Vouga (João Pedro da Silva Tavares) é um poeta de inspiração larga, rimas sonoras, motivos fortes, que nos impressiona pelo seu admirável poder verbal. Neste seu livro «No Altar da Pátria», Ruy do Vouga descreve a guerra de África, 1914-1918, em acordes heroicos, vibrantes, dum nobre patriotismo, onde, por vezes, perpassa uma funda nota sentimental. Se nesta página os versos parecem esquadroes, á galopada, abraçando com o seu movimento a terra, ansiosa do sangue das batalhas, naquela outra, a sua alma suave, idealista, em sombreados espirituais, fala-nos do amor, da saudade, da distância a que Portugal está de cada um daqueles soldados, que é um herói e um pioneiro. «No Altar da Pátria» é um livro muito belo, cujo conteúdo de emoção, faz vibrar, não só pela união patriótica, mas também pelo seu sopro ardente de lirismo.

Do poema «A Epopeia» transcrevemos este trecho com pena de não o reproduzir integralmente.

E' a vossa Mãe saudosa e a vossa Noiva amada,
Que, da casinha airosa, humilíssima e sagrada,
Sorriem para vós, de olhos cheios de magua,
Como conchas de luz humedecidas do água!
E' o terno murmurar das almas junto ás fontes!
E' a cantiga subtil ecoando pelos montes!
E' a emoção tranquila e estranha das saudades
A' hora sempre augusta e casta das Trindades!
Soldados! Olhai bem! E' a voz do rouxinol
Cantando á meiga lua as impressões do sol!
E' a noite do arraial! E' a velha romaria!
E' aquele perenal Domingo de Alegria
Em que, nas horas mais febris e enamoradas,
Há «largos» triunfos em notas de alvoradas!
E' lutar! E' lutar, valentes lusitanos!
Uma pátria que encheu já perto de mil anos
Da luz mais cintilante e pura da Justiça,
Como ha-de consentir que a livida Cubica
Lhe assalte o seu dominio esplendido e bendito?
Nunca ninguém manchou um astro no Infinito.

E o prelio atinge agora a maxima acuidade.
«E' lutar! E' lutar, garbosa mocidade!»
Milhares de soldados
Compõem, pela Pátria, os versos inspirados
De uma epopeia san, magnífica e sonora.
Um deles, manobrando uma metralhadora,
Assume as proporções de um ente sobre-humano.
Ao pé, um ajudante, um velho lusitano,
Surgido no momento
Em que outro militar tombara sem alento,
Parece provocar as balas do inimigo.
E o moço faz lembrar um semi-Deus antigo.
Soberbo de energia, audácia e intrepidez,
Ajudado por esse exímio português

Que fóra ali rezar, sublime de emoção,
Por intenção da Pátria, a ultima oração,
Ele é como um titão provindo de outro mundo.
Ao seu olhar tranquilo e candido e profundo
Sucede o olhar da fera em tragica loucura.
A' clara luz do sol succede a noite escura,
Riscada de clarões terribes e fatais.
E' que os heróis gentis odeiam os chacais.

Por isso, arrebatado, extraordinario, ardente,
Rugindo como o tigre á vista da serpente
Que tenta provocar-lhe o transe derradeiro,
Ele, febril, audaz, varrendo esse estrangeiro
Que anseia macular a decantada glória
De um astro cuja luz é a maior da historia,
Ele, esse herói febril, pragueja, vocifera,
E' fantasma, é demónio, é genio estranho, é fera,
E' o Hercules fatal e estranho do dragão,
E' a ira em seu delirio, é a Fúria em explosão,
E' a velha Dignidade altiva e intransigente,
E' a Fé, é a Tradição é a Honra, é, finalmente,
O nobre Portugal dos feitos culminantes.

Não entram, os anões, nas torres dos gigantes!

Terminou a ardorosa e insolita arrancada.
Já posto o inimigo em fuga desvaída,
André, cheio de pó, mas digno e comovido,
Carrega ao ombro forte um corpo de vencido.
E' o corpo de um velhinho
Que, um dia, abandonou o seu saudoso ninho,
Poisado num recanto olimpico do Douro,
Para vir, afinal,
Perder aqui o seu magnifico tesouro,
Mas succumbir beijando o chão de Portugal!



Mulheres que choram, Mulheres que riem, de Joaquim Antonio Pereira.

E' um romance, sincero que acusa uma observação real da vida. O autor não busca efeitos literarios, apenas contar a sua historia, com uma rudeza que, por vezes, impressiona. Os contrastes, já estabelecidos no titulo, são curiosos. O autor parece manejar a ironia com facilidade, empregando o oportunamente, certas expressões correntes, no velo dramático, que resultam. Esperamos ler, brevemente, Cap. Joaquim A. Pereira



Sobre a Teoria do valor, de David Ricardo.

David Ricardo é, justamente, considerado um dos mais ilustres economistas ingleses. A sua teoria sobre o valor é um estudo modelar, que pode considerar-se a pedra angular dessa tão vasta e complexa materia. A *Inquerito*, publicando-a nos seus Cadernos Culturais, prescou um alto serviço a todos quantos se ocupam desse problema, tanto mais que enriqueceu a publicação com um excerto do estudo de E. K. Gormer intimamente ligado á teoria do valor, além de varias notas criticas de J. B. Savy, que acompanharam a tradução francesa da obra de David Ricardo.

O Pequeno Lord, de Frances Burnett.

Se a retina esqueceu a versão cinematografica deste pulcro romance, feito de sentimentos affectivos, a tradução modelar do sr. Severo Portela tem o merito de recorda-la, dentro dum ambiente literario, grato ao leitor. A historia do «Pequeno Lord» que, lentamente, consegue desengulgar a fisionomia dura do velho avô, severo nas suas tradições e preconceitos, tem alguma coisa de edificante. A graça, a simplicidade do entrecabo vivido, o seu tom humano e desenfadado que consagrou esta obra, dão-lhe uma projecção universal. (Editorial Progresso).

Prontuario de Ortografia, de Antonio Costa Leão.

Está publicada a 7.ª edição do *Prontuario de Ortografia*, de Antonio Costa Leão, livro admiravel, onde se elucidam todas as dificuldades na grafia da lingua, duma maneira rapida e simples. Antonio Costa Leão valorizou agora o seu trabalho, não só corrigindo-o, mas ainda acrescentando-a com nova e interessante materia.

Deux, de Irene Némirovsky.

Ninguém, como Irene Némirovsky, tem na literatura moderna, o sentimento dramático da realidade. Chega, por vezes, a ser implacável, nos seus romances, que parecem documentarios, sujeitos, por vezes, a estranhas atmosferas exóticas. «Deux» é o seu primeiro romance de amor, onde ela nos descreve o frenesi do «post-guerra», a ansia de viver, a alienação de todos os gozos materiais, a avaria do dinheiro, numa palavra, a corrupção que apodreceu as almas e os corpos. A escriptoriza coloca o homem entre duas mulheres, uma unida pelos laços do matrimonio, outra fora dele, ambas esuantes de paixão. Antonio, o herói, sente que a ultima o domina, completamente, mas perde-a. A morte rouba-lha. A corrida para a morte de Evelyne é dum patetico corrosivo. Fica-lhe a mulher, com a sua amargura, o seu desencanto, a sua monotonia. O livro é duma singular vibração, atingindo os mais altos cumes dramaticos. (Edição Albin Michel).

Banques et banquiers, de Aureus.

Não é, propriamente, um livro destinado aos especialistas. E' a historia documentada da finança partindo da antiguidade, do que se pode chamar a alta banca, os Cresus da Idade Média, os mercadores da Renascença, com as suas grandes familias, os Fugger e os Medici, depois o século XVII, com Samuel Bernard, ilustre patrono da banca protestante, e o século XVIII, com Law e o seu terrível sistema.

Na primeira metade do século XIX aparecem os Laffitte e os Rothschild, que desenvolvem, largamente, o sistema bancario, multiplicando-se os estabelecimentos de credito nas cidades e provincias. E' esta organização complexa, tão necessaria á economia universal, que Aureus nos descreve com uma clareza admiravel, demonstrando todo o seu maquinismo para examinar com imparcialidade todas as suas vantagens e inconvenientes sociais. (Livreria Flammarion).

Poema á Lua

Quis fazer um poema á Lua
e pensei em ti...

E por que será que lembro sempre o teu
olhar

e o teu sorriso triste,
e a tua pele sem alma,
quando volvo meus olhos fatigados para
a Lua?

Eu sei porquê:

E's feita como eu de um sonho lirico,
saudoso e quimerico...
Nascemos ambos num país astral
e o leite que bebemos
sabe ao luar
das esperanças que se fazem prece
quando alguém morre
ou sofre
ou desfalece...

São dois cristais os nossos olhos
e neles mora a doce Ofélia...

Não vale a pena cantar a Lua!

15-4-939

MANUEL ANSEMO

«RONDA E SILVA DE LISBOA VELHA»

Sidonio Miguel—nome literario que encobre o de um investigador de Lisboa, de rara sensibilidade, e ao qual está reservado um lugar de primeira linha nas letras e estudos lisboenses—acaba de publicar um livro de versos, intitulado «Ronda e Silva de Lisboa Velha».

São doze pequenos poemas deliciosos, de um delicioso espirito lisboeta, impregnado de beleza e quasi de união religiosa.

O autor-poeta contemplativo—oferece aos amantes de Lisboa doze quadros adoráveis pela simplicidade e pela pureza da forma, colorido da expressão, suavidade nos tons que emprega, ternura no dizer, formosa disposição dos motivos dispostos em planos, ordenados como em grande tela visual.

Sidonio Miguel é um artista e um homem de letras; não se tortura em rebusca da perfeição porque esta naturalmente se alia, pela cultura natural, ao estro espontaneo e rico. As suas formas de poesia, que nunca se repete nem monotoniza, são em todo o livro uma pedra de toque de limpida vibração.

E' original no processo, a aproximar-se sem desvaio dos temas construtivos dos «modernos», por exemplo em «Mosaico branco, mosaico preto». E' evocativo e escultórico nas «Obras da Sé»; pintor de agua forte em «Minha Alfama»; pintor de aguarela em «Jardim da Estrela»; pintor de vitrais em «O Santo Condestavel». Cada poema tem o seu fundo

historico e decorativo, o seu jeito verbal e rimado—a sua poesia.

O defeito aparente do pessoalismo objectivo—ronda do poeta á roda do seu proprio burgo—é, afinal, uma virtude de sinceridade.

Eis uma demonstração feliz do que afirmamos em «Noite do Tejo».

Eu me direi
convosco e nas memorias
do dia de hoje aos ventos circundantes
menos façanhas estas das historias
de insignes navegantes...

Melhor a teima
erguida dos clamores
—desde a manhã ás horas vespertinas—
desta Lisboa enorme de pendores,
subida de colinas...

Melhor meu jeito,
o jeito da poesia
que avivo a sós, procuro em solidade,
de poucos na alegria,
dos tristes na vendade...

Minha Lisboa
em perturbante graça
de dona e virgem que na voz dilecta
do meu sonhar a noite me repassa,
as noites me aquietam...

A Editora Educação Nacional, Ld.ª

apresenta as seguintes obras:

ESCOTISMO — Sempre a direito, por L. Derbaix — tradução e adaptação pelo Dr. Mario Gonçalves Viana — Uma obra excelente para os escoteiros para os chefes e para os professores — 1 vol. de 358 páginas, illustrado, br. 1280.

HUMORISMO — O venenoso «ar cénico», por Jean Drault — tradução e adaptação por Helder de Campos Monteiro — Um livro cheio de hilariantes situações cómicas que fazem rir desde o principio até ao fim — 1 vol. de 250 páginas, br. 1650.

VIDA SEXUAL — A Mora: nas suas relações com a Medicina e a Higiene, e o Casamento, pelo Dr. Georges Surbled — tradução actualizada pelo Dr. A. de Oliveira Aives — Um livro notavel, que enuncia varias ligões e ensinamentos aos adolescentes e adultos — 1 vol. de 191 páginas, br. 1300.

CONTOS — Não é preciso mentir, por Antonio Botto — Uma obra encerrando os sugestivos contos e apólogos, em prosa, recomendavel indistintamente para escoleiros e adultos — 1 vol. de 271 páginas, edição de luxo, br. 1280.

PEDAGOGIA — Elucidario escolar, por Justino Ferreira — antigo Chefe da Direcção Geral do Ensino Primario — Escrupulosa compilação de toda a legislação referente ao ensino primario — É uma obra absolutamente indispensavel aos que exercem funções nesse ensino — 1 vol. de 461 páginas, br. 1250.

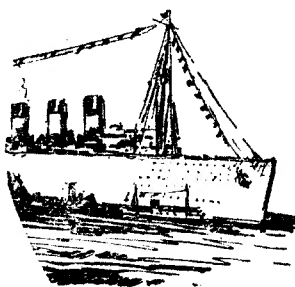
A' venda nas principais livrarias

Pedidos á EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL — Rua do Almada, 125 — PORTO



Num relatório recentemente elaborado por uma comissão inglesa para a regulamentação da aviação lê-se a seguinte frase: «pede-se aos pilotos que não atemorizem os elefantes». Trata-se

duma medida que proíbe terminantemente sobrevoar a pouca altura o Zoo, de Londres. Os elefantes, que são muito sensíveis aos ruídos, já mais duma vez se atemorizaram ouvindo o barulho dos motores, tendo na sua fuga alucinada ferido os guardas. Qualquer paquiderme pode, com facilidade, destruir as barreiras do seu recinto, e aparecer em Regent Park. Também o mesmo relatório recomenda que se use com parcimónia aviões a título de publicidade. «E' vergonhoso, diz esse documento, invadir o céu que pertence a todos, para benefício comercial duns tantos». Esse genero de reclamo não é, apenas, inutilmente barulhento, mas constitui também um perigo, se o aparelho voando baixo for obrigado a aterrar em virtude duma «panne» de motor ou de outro acidente técnico.



Bale, este porto recebeu três mil toneladas de mercadorias.

Em 1937 a cifra elevava-se já a três milhões.

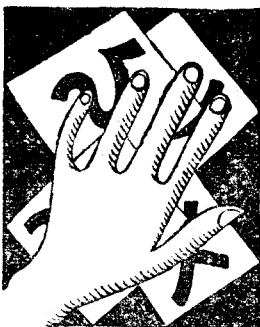
Os suíços, que tanto receiam, e com razão, pela sua independência, pensam em ligar Genebra com Marselha, tornando o Rodano navegável. Os obstáculos técnicos que oferecem semelhante empreendimento de engenharia hidráulica não são insuperáveis. Os trabalhos mais importantes dizem respeito ao troço compreendido entre Seysel e Genebra.

Vê-se que a Suíça não pretende, apenas, fazer respeitar a sua independência política, mas também económica, lembrando-se que, em 1914, a Alemanha fechou o Reno à navegação.



O desenvolvimento demográfico da nova Turquia merece ser assinalado. Em 1927 o país contava 13.648.000 habitantes; em 1935, 16.200.000; agora, pelo último recenseamento, 17 milhões e 829 mil.

Isto é, em menos de doze anos, a população turca aumentou dum terço, graças não só aos progressos de higiene que, consideravelmente, diminuíram a mortalidade infantil, mas ainda a imigração de numerosas colónias turcas do estrangeiro. Vê-se que o «homem-doente», do Oriente, rejuvenesceu com o regime republicano.



Está no prelo a 3.ª edição, do romance «Ana Paula», de Joaquim Paço de Arcos. Do mesmo autor vai sair a 3.ª edição de «Herói Derradeiro»; e «Amores e Viagens de Pedro Manuel», bem como a 2.ª edição do «Diário

do Emigrante», que foi coroado pelo S. P. N. com o Premio Eça de Queiroz. —E' brevemente posto à venda o novo romance «Gente de Bem», de Assis Esperança.

—Vai publicar-se uma nova edição do Dicionário de Candido de Figueiredo.

Uma personalidade

Os dois ultimos livros

de Joaquim Manso

O notavel escritor sr. dr. Julio Dantas, principe das letras portuguesas, cuja eminente personalidade é escusado encarecer, publicou, na sua brilhantissima secção das «Quintas-Feiras» do Primeiro de Janeiro, um artigo sobre as duas ultimas obras do dr. Joaquim Manso, Consciencia Nua e Abandonada e a Primavera da Lenda, que, pela sua admiravel interpretação critica e primoroso recorte literario, bem merece honrar as páginas deste Suplemento.

Uma das características do movimento literario actual, pelo menos nos países cuja lingua conheço, é a despersonalização. Cada vez se torna mais sensível a falta de personalidade dos escritores. Todos se parecem, mais ou menos; as individualidades literarias, ainda aquelas que são indiscutivelmente illustres, deixam de ser afirmativas e relevantes; há uma tendencia inquietadora para o «uniforme», significando—na literatura como na politica—a atenuação do individuo, que tende a incorporar-se inevitavelmente na massa.

Há trinta, quarenta, cinquenta anos ainda, a forte personalidade dos escritores—dos mais representativos, evidentemente—quasi dispensava a sua assinatura nas obras que produziam. Lendo uma pagina de Wilde, de D'Annunzio, de Anatole, de Eça, de Camilo, de Rui Barbosa; ouvindo uma poesia de Kipling, de Verlaine, de Campoamor, de Bilac, de Junqueiro; vendo representar um acto de Rostand, de Pirandello, de Bernard Shaw,—era facil a um leitor ou a um espectador relativamente culto, mesmo ignorando a obra, reconhecer o autor. A riqueza da personalidade impunha as suas formas tipicas dominantes e manifestava-se inconfundivelmente. Muitas vezes, as características pessoais do escritor (não o conteúdo) residiam mais nos seus defeitos do que nas suas qualidades; mas, fosse como fosse, essas características eram tão marcadas, que dizer, a individualidade do prosador ou do poeta afirmava-se com tal vigor, que as imitações tornavam-se frequentes, as proprias paródias convertiam-se em formas vulgares de consagração, e o êxito coroava os esforços do artista criador. Hoje, a diferença é evidente. Já não se parodia ninguém, porque a paródia sub-entendia uma homenagem ao relevo pessoal do escritor ou do artista; e, diluindo-se a personalidade cada vez mais, nunca foi tão difficil conquistar a notoriedade nas letras.

Não devemos—claro está—confundir a «originalidade» da obra com a «personalidade» de quem a escreveu. Uma obra pode ser eminentemente original na fabula ou nos conceitos e ter sido produzida por um escritor pouco pessoal. Pelo contrario, obras cujos autores se mantêm maximamente «pessoais» apresentam-se de originalidade duvidosa. Personalidade significa «caracter»; e é o «caracter» que nas literaturas se vai tornando cada vez mais raro.

O actual panorama das letras francesas constitue excelente exemplo do que afirmo. Há em França—hoje como ontem—escritores de intelligencia penetrante e de verdadeiro talento; mas cada vez se parecem mais uns com os outros, e cada vez é mais difficil individualizá-los e distingui-los. A leitura de uma pagina (com raras excepções) já não revela um autor; a assinatura torna-se, de dia para dia, mais necessaria. Mal exclusivo ou peculiar das literaturas? Não. Mal do seculo. O seculo XX manifestou desde o seu inicio, nas letras como em tudo, a tendencia para a desagregação do caracter,—caracter dos individuos e caracter dos povos. A disciplina dos regimes de massas e as ditaduras totais contemporaneas têm agravado essa tendencia pela compressão progressivamente maior das fortes e fecundas virtudes da personalidade. Toda a obra de arte e de literatura tende, mórmente nos países totalitarios (na Russia é já isso um dogma), para a despersonalização e para a standardização.

Porque é assim, a minha admiração e a minha simpatia dirigem-se de preferencia aos escritores que permanecem intransigentemente «pessoais». Ainda os há, graças a Deus, lá fora e no nosso país. Os portugueses, á cabeça dos quais está o grande Aquilino, encontram-se sobretudo—assim devia ser—na velha guarda. São já infelizmente poucos. Os acasos das minhas rapidas leituras levam-me neste momento a pensar

num, prosador de afirmativa personalidade, de quem li recentemente dois livros: quero referir-me a Joaquim Manso. Eis um escritor que não se confunde com outro qualquer e em cuja obra se afirma, sem desfalecimentos a qualidade mestra: o cunho pessoal. Nem sempre é facil definir o «caracter» no dominio literario; nem sempre se sabe bem em que consiste o cunho pessoal de um escritor. A's vezes está em pouca coisa; e não se suponha que a personalidade reside na complicação ou na extravagancia, porque os escritores mais pessoais são, em grande numero de casos, os mais simples. Moralista notavel cuja obra conta já muitos volumes, Joaquim Manso criou uma forma sua, um estilo seu, que, sendo austero, é, entretanto, vivo; que, revestindo-se por vezes de vernacula dignidade, nunca deixa de ser dextro, flexivel e moderno; e em que se associa, de maneira particularmente feliz, a eloquencia natural á concisão gnómica; a sobriedade á opulencia; a dialectica forte á subtilidade alexandrina; a nitidez de medalha de certos conceitos á vaga e nebulosa imprecisão de outros, permanente claro-escuro que constitue um dos segredos do seu processo literario. Os dois ultimos livros que dele acabo de ler—«Consciencia nua e abandonada» obra conceituosa, substancial e profunda, e «Primavera da lenda», onde há dialogos que, como os de Leopardi nos obrigam a pensar—são talvez aqueles em que a personalidade de Joaquim Manso, escritor singular, mais vigorosamente se afirma.

Há ainda quem suponha, perante a numerosa e aberrante produção literaria europeia da hora que passa—obras sem tecnica, sem consciencia, sem disciplina, sem canon, e (o que é pior) sem verdadeiro sentido humano—que nunca, como hoje, se foi tão «pessoal» nas letras. Infelizmente, não é assim. Ser pessoal é outra coisa. A simples libertação das regras, rebeldia puramente formal, não confere, por si só, personalidade a ninguém.

JULIO DANTAS

UM MANUSCRITO DE GUALDINO

*Fizinho de Almeida,
si par 98 ou 99, quis
comprar o café Mrs.
Tinho. Tratou com
o proprietario, mas
não chegaram a acordar.
Fizinho achava muito
a que lhe pediam,
e não que desse conta
já nesse tempo o dinheiro
na mão com o vil metal
dos panfletos, pois
que o autor dos Gatos
lhe dava carta de recomendação
e fôro de fôro.*

Gualdino Gomes, que esta semana completou 81 anos, também escreve, a-pesar de haver dispersado pelas masas dos cafés o melhor da obra que nunca escreveu...

Conversar

Não se pode dizer que o prazer de conversar tenha, entre nós, muitos apreciadores. O bípode português é, sem duvida, de uma verbosidade prolixa. Mas conversar não é a mesma coisa que tagarelar: é uma arte e uma arte «exquise» em cuja tessitura ha-de reconhecer-se a evolutiva humanização através da qual se tem ido demitindo o bruto pre-racional em que entroncam, afinal de contas, todos os pergaminhos genealógicos. No principio foi o monossílabo, a interjeição, o grito: só numa fase, já muito adiantada, o homem adquiriu o maravilhoso dom da fala. Unicamente, porém, soube conversar quando, por haver alcançado um alto expoente de cultura, começou a suportar a contradição do seu semelhante. Ora, sob este ponto de vista, o português tem ainda muito de peludamente primario. E, a despeito do dr. Guerreiro Murta haver decidido ensiná-lo a conversar por meio de um manual de que já saíram duas edições, não me consta que tenha aumentado no país o «quorum» dos cavaqueadores.

O primeiro requisito para conversar consiste em saber ouvir. Ora, por via de regra, o português escuta apenas o suficiente para poder lançar-se á refutação do interlocutor.

Deixo aos psicólogos com muita pratica o esmiuçar desta pecha portuguesa que escapou á perscrutação espectral de Kayserling quando o mefistofélico filósofo de Darmstadt se propôs, com vista de linze e mais expeditamente do que o sr. Charles Lepierre procede á análise de qualquer específico, radiografar o temperamento, o caracter, o modo-de-ser deste ocidental inquieto da Europa.

Sei de um sujeito que quando não está a devorar ou a digerir o «Temps»—discute. Ele proprio proclama que o verbo lhe não serve para mais nada. Conversar afigura-se-lhe indigno da sua gravidade mental, tão frívolo como jogar a bisca. Se abre o bico é tão sómente para leccionar, para controverter, para discutir. Empunha, então, o saber como um chicote de nove-rabos: —Não sabe? Pois fique sabendo...

E' certo que, uma vez por outra, depois de o ouvirmos, alguma coisa que ignoravamos fica fazendo parte do nosso peculio de conhecimentos. Mas menos certo não é também custar-nos esse acréscimo de saber algumas nódos negras no corpo e ficarmos tão prostrados, tão moidos como se tivéramos levado uma grande sova. A sua erudição, de cansativa, chega a parecer-nos odiosa. E profundamente abate o nosso animo um fastio em que punge a nostalgia da inocencia.

Tudo isto porquê? Porque na bôca desse homem as opiniões são como perdigotos e a sabichice é na sua mão doutoral uma palmatória. Convencido de que possui a Verdade, não conversa: arrota!

O português, efectivamente, pela-se por discutir. E não raro mesmo acontece que, ao entregar-se a esse deleite para o qual mobiliza todas as efferencias do seu temperamento meridional e peninsular, ele vá no encaño imitativo daquele ratão que, disputando num «electrico», se saiu com esta:

—Oh, sr. Zacarias, sr. Zacarias! Não venha para cá com argumentos...

BOURBON E MENESES

DUAS CÔRES

Dia e noite... Noivado e funeral!... Branco e Preto: pureza e desventura. Leite materno e cálix de amargura. Alvorada e sol-pôr; Bondade—e Mal.

Polco do meu viver, de vida escura com pinceladas de queimante cal: Niveo—o meu sonho erguido, sideral! Negro—o meu despertar de Criatura...

Branca, branquinha, dum alvor de neve, Lembrança d'uma infancia tenra e quente. Negras—as horas de Hoje, enregeladas!

Luz e Sombra—o meu rosto magro e breve: Na palidez marfinea, decadente, Gênes—carvões de magoas calcinadas.

RODRIGO DE MELO

OS LIVROS DA SEMANA

I—Do descritivo no romance

Não poucas vezes me tenho referido ás demasias de descritivo a que gososamente se entregam muitos dos romancistas nacionais. Isto, como tudo, a-final, deve ter a sua explicação. Será porque o português seja muito sensível ao mundo exterior? É possível. A verdade, contudo, é o português não mostrar essa sensibilidade naquilo em que naturalmente ela se deveria manifestar: não há em Portugal grandes pintores, toda a gente o sabe. Pelo menos, não creio que os maiores deles tenham sido paisagistas. Isto nos faz duvidar de que o português seja em extremo sensível ao mundo exterior.

Porque então estes excessos de paisagem literariamente pintada no romance português? Teria sido sempre assim? Não será novidade do romance nacional posterior ao naturalismo? É certo que Alberto Xavier diz no seu livro *O Romance no século XVII* ter sido um português—Rodrigues Lobo—quem introduziu no romance bucólico o sentimento da natureza. É certo que a *Menina e Moça* está cheia desse mesmo «sentimento da natureza». Não me parece, todavia, que este «sentimento da natureza» seja a mesma coisa que a pintura literária da natureza em que o nosso romance refecia. Tão pouco se me afigura que tenha sido o naturalismo o responsável desses excessos. Uma das coisas que Flaubert mais admirava em Cervantes era o seu poder de mostrar as estradas de Espanha sem chegar a descrevê-las.

Em todo o caso o naturalismo instigou esta tendência nacional. Não tanto pelas suas intenções doutrinárias como pelas suas realizações estéticas. O gosto com que Flaubert—mais realista que naturalista, é certo—se dava a pintura da realidade e a sua ascética concepção de um romance onde tudo fosse objectivo, algo devem ter contribuído para animar os romancistas nacionais a pintarem desafortadamente a natureza. Por outro lado não podemos esquecer o comprazimento com que os nossos escritores dão largas á sua veia impressionista. É a-final muito mais cómodo aplicar uma demão de palavras literárias a qualquer trecho de paisagem do que fazer considerações sobre o homem ou descrever o mundo invisível do espírito.

Com efeito, ao fim, tudo vem a dar na mesma. Não estamos nós fartos de dizer que o romance é a arte de pintar as paixões humanas? Ai temos: se o romance é isso e é nisso que nós claudicamos, parece-me tudo indicar que as demasias de descritivo a que os romancistas portugueses se consagram são uma espécie de evasão da disciplina a que a arte do romance obriga. É ver como se comportam aqueles que melhor dotados são para compreenderem as paixões humanas e aqueles que dessas paixões nada compreendem. Os primeiros são sóbrios: na sua obra a paisagem é um pano de fundo. Os segundos são prodígos: a paisagem invade todos os planos da sua obra. Será preciso exemplos? Nada mais fácil: Eça de Queiroz e Antero de Figueiredo. Na obra do primeiro a paisagem ocupa o lugar que lhe é devido. Na do segundo transborda de todas as páginas. Mais exemplos? Não vale a pena. A leitura atenta de alguns romancistas contemporâneos mostrar-nos-á que assim é.

II—A natureza e o homem

Mas porque será assim? Porque não consagrar á descrição da pessoa humana esses ricos tesouros de palavras e de imagens esbanjados a descrever paisagens? De facto por mais literárias que sejam as descrições de paisagem a que certos dos nossos romancistas se dedicam há nelas sempre vislumbres de observação. Partem de uma experiência dos olhos. Assentam num mínimo de atenção prestada á natureza. Quere isto dizer que deve ser igualmente viável a descrição literária da paisagem e a descrição literária do homem. Não haverá no espectáculo humano motivos tão ricos como no espectáculo da natureza? O certo é que a literatura que fizesse do homem seu tema central podia usar processos idênticos áqueles que em regra se usam na literatura cujo tema central é a paisagem. Não digo que o homem não viesse, mais tarde ou mais cedo, a sufocar sob uma aluvião de palavras e de imagens impermeáveis ao ar de que a vida humana se alimenta. Mas, em princípio, parece-me possível um romance em que o escritor todo se empenhe em mostrar-nos o espectáculo físico da natureza humana. Pois não seria altamente significativa uma obra onde se descrevessem com colorido e vivacidade certos momentos capitais da vida expressiva de uma máscara? Descrever com relevo uma cena de rua, pintar com amor um idílio, narrar sem loqueio, cia superficial um acontecimento trágico, não constituiriam trabalho digno de um escritor de ficção? Não consistirão nisso, a-final, algumas das mais belas obras de Maupassant? Não consistirá nisto a grande arte de Tchekoff? Não

RUMO AO DEGREDO

romance por FAUSTO DUARTE

é isto que faz a grandeza de certos trechos de Camilo?

De facto, isto pode ser. E. Mas não pode ser nem é quando falta ao escritor uma coisa em que tantas vezes temos falado: a compreensão íntima da natureza humana, a intuição do que se passa por debaixo da epiderme do homem. Na verdade, para pintar uma paisagem até á saciedade basta ter olhos e talento literário. Está ali uma laranjeira. A laranjeira tem laranjas. As laranjas são doiradas. Nada mais fácil do que riscar sobre esta pobre laranjeira umas boas dúzias de imagens garridas. Imagine-se, porém, que não era do porte externo da laranjeira que o escritor tinha de falar. Imagine-se que lhe pediam uma descrição do comportamento íntimo daquela mesma laranjeira: como se alimentam as suas raízes? Como florescem os seus ramos? Qual a estrutura dos seus tecidos? Qual o seu regime? Que terrenos lhe convêm? Então, as galas literárias do estilo do escritor seriam impotentes. Era preciso ter mais alguma coisa do que olhos e estilo para tentar tal descrição. Havia que conhecer intimamente a vida das laranjeiras. Eis o que acontecerá sempre que um escritor queira aplicar á descrição da vida



humana as faculdades que emprega na descrição da paisagem. Um homem, como uma árvore, tem duas vidas: aquela que está á vista e a outra que se não vê. Mas no homem a vida que está á vista depende da vida que se não vê. Para bem falar daquela é preciso bem conhecer esta. Com as árvores não é assim. Não é assim com as paisagens que os literatos portugueses tão complacentemente descrevem. A natureza é um modelo passivo. A sua vida é vegetativa. Quaisquer que sejam as demasias literárias com que a cumulem, tudo fica na mesma.

III—Experiência e observação

Estas reflexões não são descabidas. Vêm a talho de foice. Eis-nos perante uma obra em que a paisagem é uma evasão do panorama humano. Infelizmente não podemos dizer que o autor em questão é um original paisagista. É, no entanto, muito melhor paisagista que outra coisa.

Fausto Duarte, autor do romance *Rumo ao Degredo* (Guimarães & C.ª, Lisboa, 1939), a obra que temos presente, é autor de outros livros. A quando da sua estadia com a novela colonial *Até foi saudado como uma revelação*. Depois *O Negro sem Alma* passou despercebido. Não conheço toda a primeira novela. Do pouco que li ficou-me, de facto, a impressão de que Fausto Duarte vinha para a literatura cheio de seiva. É certo que as virtudes que nessa obra discerni eram virtudes de «prosa-dor». Em todo o caso eram virtudes. Neste seu último romance essas virtudes surgem muito atenuadas. Não porque Fausto Duarte as tenha, talvez, perdido. Sim porque o tema do seu livro as não favoreceu. Mais uma vez se nos depara um escritor nacional a braços com esta tremenda tarefa: escrever um romance naturalista sobre um tema que apenas conhece como observador. De facto, Fausto Duarte deve conhecer o Ribatejo: ha pommeiros da vida daqueles que lá moirajam muito bem contados por ele. Em todo o caso, Fausto Duarte não está na pele daqueles homens. Fala deles pelo que deles sabe exteriormente. Não só por isso. Muitas das aspirações que lhes atribue são mais dele, Fausto Duarte, do que deles, rudes trabalhadores.

Estaremos nós então condenados a não poder fazer o romance dos trabalhadores da terra? Talvez não. Mas o romance dos trabalhadores da terra tem de ser feito por quem tra-

balhou a terra. Não digo que isto seja verdade para todos os romancistas: é verdade para muitos de nós portugueses. Porquê? Seria longo dizê-lo. Talvez porque a nossa capacidade de observação não é susceptível de uma larga e poderosa transfiguração estética no sentido romancista. Ser-nos-á talvez possível fazer páginas líricas sobre aquilo que observamos de fora. Foi o que fez Raul Brandão com os pescadores. Não creio, porém, que essa observação nos sirva para fazer romances com o carácter que Fausto Duarte quis imprimir ao seu livro: romances naturalistas. Da nossa observação de um meio que estudamos de fora resultará uma imagem convencional. Pelo menos nada de profundamente humano resultará.

Neste *Rumo ao Degredo* ha aqui e ali muito bons diálogos. Aqui e ali ha bons trechos de romance. Mas nas suas linhas gerais *Rumo ao Degredo* é um romance que ficou a meio do que devia ser. Onde seria necessário pôr á prova o talento de romancista, Fausto Duarte succumbiu. Basta dizer que o que deveria constituir o tema central desta obra é o que nela é mais convencionalmente estudado.

IV—Moral sem moral

Qual então o tema central de *Rumo ao Degredo*?

Quere-me parecer que a sedução de Maria da Gloria pelo Morgado. Se ponho nisso duvidas é porque Fausto Duarte emprega na composição do seu livro uma técnica tal que não se sabe ao certo o que é que mais importa nele. Nas primeiras paginas, depara-se-nos um tal Manuel da Gaita, recém-chegado do degredo. Este homem matou o sedutor da filha, eis o que julgamos saber. Na tenroca ribatejana a que regressa após quinze anos de degredo já não encontra o unico amigo que lhe restava. No dia em que chega, desaba um muro sob o qual fica esmagada a filha, aquela mesma que o levara á Africa. Manuel da Gaita arranca o cadaver dela dos escombros, contempla-o e parte. Mas antes de partir de novo para a Africa, sentou-se nos degraus da casa onde vivera feliz, «deixou pender a cabeça entre as mãos e evocou o passado...». Essa evocação do passado constitui a parte capital do romance. Ora pondo de lado o que ha de inverosímil nessa evocação, pois o romancista se esqueceu de que de uma evocação se tratava, e não quis saber de coerências, pondo-nos em frente de pormenores que Manuel da Gaita não poderia evocar, pela simples razão de que os não podia conhecer, o certo é chegarmos á conclusão de que o degredado estava inocente. Quem matara o sedutor de Maria da Gloria não fora ele, mas o noivo dela, um tal Antonio, feitor da Pontela. Manuel da Gaita, o degredado, oferecera-se em holocausto, para poupar o criminoso. Diga-se de passagem que isto se nos afigura pouco razoável. É um rasgo de efeito, mas sem verdade. Pelo menos, lança sobre a figura do tal simpático Antonio uma pátida de cobardia. Deixar condenar um inocente não se nos afigura dos mais galhardos feitos. E, assim, uma das intenções de Fausto Duarte é reduzida a zero. O homem que se deixou condenar inocentemente está longe de se revestir, aos olhos do leitor, de grande prestígio. O seu sacrificio, além de pouco lógico, foi contraproducente. Abandonou a filha, desprezou os seus, deixando-os á beira de maiores desgraças. O unico beneficiado foi o criminoso, que apenas agiu, afinal, por ciúmes, e veio a viver rico e prospero no Brasil. Haveria o direito de um homem honesto se deixar condenar inocente só para castigo da unica pessoa que no romance é capaz de fortes sentimentos? Pergunto isto, porque se é certo que na vida as paixões são mais fortes que a razão, no romance de Fausto Duarte assim não é. Fausto Duarte tem a preocupação de justificar logicamente os actos de cada personagem e de fazer estas enochar princípios morais. Mas temos de reconhecer que a moral das suas personagens é duvidosa. Pelo menos é uma moral sem transcendência alguma.

Resta aquilo a que eu de princípio considerei o tema central de *Rumo ao Degredo*. A filha desse tal Manuel da Gaita, orfã de mãe, educada com animos, por um pai extremoso e um velho tia, parece pouco simpática ao romancista. Porquê? Não vejo que ela mereça censura. Mereceria antes piedade. Maria da Gloria, porque sabia ler e era senhora de uma sensibilidade mais delicada do que a corrente entre os da sua igualha, enamora-se, logicamente, do homem que para ela representava as virtudes de educação e sensibilidade que a atraíam. Era este homem um sedutor profissional? Era um degenerado? Isso que tinha? As mulheres enamoram-se dos homens não das virtudes ou defeitos da classe a que esses homens pertencem.

Se Maria da Gloria não gostava do Antonio, homem de poucas palavras e nenhuma letrada, isso só provava que ela era incapaz de sobrepor á força dos sentimentos a ponderação dos interesses. No meio de todos aqueles seres preocupados apenas com considerações de ordem prática, Maria da Gloria era a unica pessoa a ouvir a voz do coração.

Evidentemente que é de interesses que se ocupam os homens comuns. Mas o que nos admira é que a moral do romancista seja comum também. É isto tanto mais extraordinário quanto é certo Fausto Duarte ter veleidades, de espirito desempoeirado e audacioso. No fim de contas, fica-se com a impressão de que a Maria da Gloria seria uma mulher ás direitas se tivesse dado ouvidos ao Antonio, o homem que lhe convinha, ainda que para isso houvesse de reprimir todos os vãos da imaginação. Como nascera humilde não lhe era dado o direito de aspirar á mão de um morgado. Que moral retrograda! Seria muito mais audacioso pôr aquela Maria da Gloria a bater-se pela sua felicidade. A ela competiria matar o Morgado, quando reconhecesse que ele era um traste. Só assim se poderia dizer que o livro de Fausto Duarte era um livro revolucionário, altamente moral. Tal como está tem o seu quê de folhetim, sem alcance moral nem social, a não ser algumas tiradas retóricas contra as classes privilegiadas.

V—Defeitos e Virtudes

Mas isto são considerações de somenos. Nunca julgamos as obras de arte pelo valor das suas teses ou da sua moral. Se insistimos nestes pontos é porque o romance de Fausto Duarte os formula. E, como se viu, formula-os bem pouco eloquentemente. Resta estudar o valor estético da obra. Ora, no que diz respeito, ao tema dos amores de Maria da Gloria com o Morgado da Cruz Alta, ha que observar a fraca segurança com que Fausto Duarte analisa os sentimentos da rapariga. Uma coisa o preocupa: explicá-los. E explica-os como quem expõe uma tese. Porque lei livros românticos, tem a imaginação romântica; porque gosta de bem parecer, ha de perder-se por um homem rico. E assim por diante. Quanto á análise propriamente viva, psicológica, individual do sentimento amoroso, nada mais que imagens literárias. E, assim esmo, a correr, resumidamente. De facto, não está aí o forte de Fausto Duarte. Onde ele se mostra mais senhor de si é nas cenas pitorescas. Ha algumas felizes. Ha diálogos feitos com bastante segurança e naturalidade. Mas quando Fausto Duarte se capacita de que precisa de ser trágico então, regra geral, é falso e retórico. Na cena em que Antonio descobre que Maria da Gloria é amante do Morgado, Fausto Duarte descreve o seu heroi assim: «Tinha os lábios entreabertos, e os masseteres anquilozados fixaram-se em um esgar de clown que lhe deu ao rosto, momentaneamente, uma expressão imbecil e assimétrica de idiota. Névoa densa passou-lhe pelo globo branco dos olhos: as estrelas uniram-se em nebulose, o ceu fulgiu, rodopiou a terra em torno dele como se se reeditasse em um segundo a confusão dos elementos em um medonho caos». Evidentemente que é pura retórica. Retórica para que tendem todos aqueles que, dotados de talentos de prosador, não são igualmente dotados de bom gosto e daquele dom absolutamente indispensável a todos os bons romancistas: servirem-se das palavras para fazerem sentir a verdade da vida que procuram recriar. A este mesmo imoderado emprêgo de palavras para encher os vazios da observação e da análise se devem atribuir senões escusados, Fausto Duarte quere ter um vocabulário rico. Daqui empregar palavras impróprias do assunto e do momento. A pag. 208 diz: «Maria da Gloria ouvia-o, hebetada, sem alcançar a significação daquelas palavras...». E este pretencioso hebetado pulula no romance. A pag. 107: «Quando voltou a si, após a suspensão psíquica de algumas horas». A um tal destemperado abuso de expressões e palavras pretenciosas se deve pedir a explicação de um ou outro desliz. O mais importante é o de pag. 223. «...aquela gente travestida de preto...» diz Fausto Duarte, sem se lembrar que *travestire* é uma palavra italiana que não quere dizer o que parece...

Não obstante tudo isto *Rumo ao Degredo* é um romance que ultrapassa a craveira geral das obras que para aí se publicam diariamente. Ha que afirmar, mesmo, que algumas das suas paginas são de verdadeiro romancista. Fausto Duarte é um escritor que deve cuidar dos seus dons. Se os souber disciplinar, se se souber descobrir, talvez ainda nos venha a dar obras de valor. Porque, afinal, o que lhe falta é pôr de acôrdo as suas experiências mais profundas com a observação dos homens: é saber encontrar o tema que lhe convém. Não se pode dizer que Fausto Duarte tenha encontrado no Ribatejo o tema para que a sua sensibilidade o fadou.

JOÃO GASPAR SIMÕES